



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS MUSICAIS NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

JÔNATAS CONRADO DE OLIVEIRA

**O POTENCIAL LÚDICO E EDUCATIVO DE UMA
MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE TRADIÇÃO ORAL:
estado da arte e relato de experiência sobre Folia de Reis**

Rio de Janeiro

2024

JÔNATAS CONRADO DE OLIVEIRA

**O POTENCIAL LÚDICO E EDUCATIVO DE UMA
MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE TRADIÇÃO ORAL:
estado da arte e relato de experiência sobre Folia de Reis**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Práticas Musicais na Educação Básica/ EaD, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Práticas Musicais na Educação Básica.

Orientador: Prof. Dr. Mário Alexandre Dantas Barbosa

Rio de Janeiro

2024

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

O48	<p>Oliveira, Jônatas Conrado de</p> <p>O potencial lúdico e educativo de uma manifestação cultural de tradição oral : estado da arte e relato de experiência sobre Folia de Reis / Jônatas Conrado de Oliveira. - Rio de Janeiro, 2024.</p> <p>67 f.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Práticas Musicais na Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.</p> <p>Orientador: Mário Alexandre Dantas Barbosa.</p> <p>1. Educação Musical – Estudo e ensino. 2. Educação básica. 3. Folia de Reis. 4. Manifestações culturais. 5. Tradição oral. 6. Patrimônio cultural. 7. Ludicidade. I. Barbosa, Mário Alexandre Dantas. II. Colégio Pedro II. III. Título.</p> <p>CDD 780.7</p>
-----	--

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

JÔNATAS CONRADO DE OLIVEIRA

**O POTENCIAL LÚDICO E EDUCATIVO DE UMA
MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE TRADIÇÃO ORAL:
estado da arte e relato de experiência sobre Folia de Reis**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Práticas Musicais na Educação Básica, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Práticas Musicais na Educação Básica.

Aprovado em 28 de maio de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Mário Alexandre Dantas Barbosa
Colégio Pedro II
Orientador

Prof^a Dr^a Maria Alice Volpe
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Wasti Silvério Ciszewski Henriques
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro, 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos que participaram diretamente ou indiretamente da realização deste trabalho. A Deus pela oportunidade de encontrar as pessoas certas durante a minha jornada até aqui. Ao meu pai, Jedeão Borges de Oliveira, por ter me encorajado a estudar música. À senhora Maria Pereira, que chamávamos de irmã Mara, que me acolheu em sua casa quando eu precisei de abrigo. Gratidão ao grande músico que me inspira, meu tio, João Conrado Filho, um músico vitorioso que aprendeu na prática e trabalhou 19 anos de carteira assinada como músico, um feito admirável e que me incentiva a continuar. Ao meu irmão Isaac Conrado por me encorajar a desbravar. A minha irmã Janice Conrado de Oliveira pelo companheirismo. As minhas irmãs do coração Eliane Aparecida e Viviane Aspásia por todas as lições de generosidade. Sou grato à minha esposa Maria Aparecida e ao meu filho Erick Bernardo, que são as minhas dádivas. Aos professores do curso de Especialização “Práticas Musicais na Educação Básica”, do Colégio Pedro II. Ao meu orientador Prof. Dr. Mário Alexandre Dantas, pela dedicação. Aos membros da banca examinadora, Professoras Maria Alice Volpe, Wasti Silvério Henriques Ciszewski e Professores Edilson Vicente de Lima e Samuel Andrade pela leitura atenta e contribuições a este trabalho.

“Recordar é viver”
(Gabriel García Márquez)

RESUMO

OLIVEIRA, Jônatas Conrado de. **O potencial lúdico e educativo de uma manifestação cultural de tradição oral**: estado da arte e relato de experiência sobre Folia de Reis. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Práticas Musicais na Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2024.

O presente trabalho aborda a temática da Folia de Reis enquanto manifestação cultural brasileira de tradição oral em seu potencial para aproveitamento nas propostas pedagógicas na Educação Básica em formato multidisciplinar. Interessou para o atingimento dos objetivos dessa pesquisa, empreender um levantamento do estado da arte, que se deu em dois conjuntos documentais: a bibliografia que representa a historiografia tradicional sobre o tema e os estudos mais recentes. O primeiro conjunto compreendeu as obras publicadas entre os anos 1935 e 1979, acessíveis em bibliotecas especializadas, pesquisa que se deu *in loco*. O segundo abrangeu artigos publicados em periódicos acadêmicos especializados que foram identificados a partir de metodologia de busca específica no Portal Capes Periódicos, no intuito de dimensionar a atenção dada na produção acadêmica dos últimos dez anos (2013-2023) a temática aqui em questão. O relato de experiência que sucede ao levantamento do estado da arte neste trabalho busca relacionar o conhecimento teórico sobre o assunto e a prática possível de ser vivenciada para uma maior aproximação do fenômeno estudado. Os referenciais teóricos foram Volpe (2019) e Barbosa (2019), no tocante à Pedagogia da História da Música Brasileira na Educação Básica. Augusta (1979) sobre a Folia de Reis no Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro e Huizinga (2007) para embasar a questão da exploração do lúdico nessa proposta na Educação Básica. Os resultados da pesquisa apontam um lastro de conhecimento sobre a Folia de Reis e a pertinência de se refletir sobre sua adequação como tema gerador para projetos pedagógicos na Educação Básica em perspectiva multidisciplinar, mas com total inexistência de trabalhos na bibliografia mais recente que se dedique a demonstrar essa aplicabilidade. Espera-se contribuir com a reflexão aqui empreendida com a inclusão de manifestações culturais da tradição oral brasileira no rol de temas articulados em projetos pedagógicos na escola, a exemplo das possibilidades que a Folia de Reis enseja.

Palavras-chave: folia de reis; educação básica; manifestações culturais de tradição oral; patrimônio cultural; educação musical.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Jônatas Conrado de. **The playful and educational potential of a cultural manifestation of oral tradition:** state of the art and experience report on Folia de Reis. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Práticas Musicais na Educação Básica) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2024.

The present work addresses the theme of Folia de Reis as a Brazilian cultural manifestation of oral tradition in its potential for use in pedagogical proposals in Basic Education in a multidisciplinary format. In order to achieve the objectives of this research, it was of interest to undertake a survey of the state of the art, which took place in two sets of documents: the bibliography that represents the traditional historiography on the subject and the most recent studies. The first set comprised works published between 1935 and 1979, accessible in specialized libraries, research that took place *in loco*. The second covered articles published in specialized academic journals that were identified based on a specific search methodology on the Portal Capes Periódicos, with the aim of measuring the attention given in academic production over the last ten years (2013-2023) to the topic in question here. The experience report that follows the survey of the state of the art in this work seeks to relate theoretical knowledge on the subject and the practice that can be experienced to get a closer look at the phenomenon studied. The theoretical references were Volpe (2019) and Barbosa (2019), regarding the Pedagogy of the History of Brazilian Music in Basic Education. Augusta (1979) on the Folia de Reis in the North Fluminense of the State of Rio de Janeiro and Huizinga (2007) to support the issue of exploring play in this proposal in Basic Education. The research results point to a wealth of knowledge about Folia de Reis and the relevance of reflecting on its adequacy as a generating theme for pedagogical projects in Basic Education from a multidisciplinary perspective, but with a total lack of work in the most recent bibliography that is dedicated to demonstrating this applicability. It is hoped to contribute to the reflection undertaken here with the inclusion of cultural manifestations of the Brazilian oral tradition in the list of themes articulated in pedagogical projects at school, such as the possibilities that the Folia de Reis offers.

Keywords: folia de reis; basic education; cultural manifestations of oral tradition; cultural heritage; musical education.

RESUMEN

OLIVEIRA, Jônatas Conrado de. **El potencial lúdico y educativo de una manifestación cultural de tradición oral:** estado del arte y relato de experiencia sobre Folia de Reis. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Práticas Musicais na Educação Básica) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2024.

El presente trabajo aborda el tema de Folia de Reis como manifestación cultural brasileña de tradición oral en su potencial para su uso en propuestas pedagógicas en Educación Básica en un formato multidisciplinario. Para alcanzar los objetivos de esta investigación fue de interés realizar un recorrido del estado del arte, el cual se llevó a cabo en dos conjuntos de documentos: la bibliografía que representa la historiografía tradicional sobre el tema y los estudios más recientes. El primer conjunto comprendía obras publicadas entre 1935 y 1979, accesibles en bibliotecas especializadas, investigaciones que se desarrollaron *in loco*. El segundo abarcó artículos publicados en revistas académicas especializadas que fueron identificados a partir de una metodología de búsqueda específica en el Portal Capes Periódicos, con el objetivo de medir la atención prestada en la producción académica durante los últimos diez años (2013-2023) al tema en cuestión. aquí. El relato de experiencia que sigue al recorrido del estado del arte en este trabajo busca relacionar los conocimientos teóricos sobre el tema y la práctica que se puede vivir para acercarse al fenómeno estudiado. Los referentes teóricos fueron Volpe (2019) y Barbosa (2019), sobre la Pedagogía de la Historia de la Música Brasileña en la Educación Básica. Augusta (1979) sobre la Folia de Reis en el Norte Fluminense del Estado de Río de Janeiro y Huizinga (2007) para sustentar la cuestión de la exploración del juego en esta propuesta en la Educación Básica. Los resultados de la investigación apuntan a un acervo de conocimiento sobre Folia de Reis y la pertinencia de reflexionar sobre su adecuación como tema generador de proyectos pedagógicos en Educación Básica desde una perspectiva multidisciplinaria, pero con una total falta de trabajo en la bibliografía más reciente que se encuentre dedicado a demostrar esta aplicabilidad. Se espera contribuir a la reflexión aquí emprendida con la inclusión de manifestaciones culturales de la tradición oral brasileña en la lista de temas articulados en proyectos pedagógicos en la escuela, como las posibilidades que ofrece la Folia de Reis.

Palabras clave: folia de reis; educación básica; manifestaciones culturales de tradición oral; patrimonio cultural; educación musical.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Forte dos reis Magos (RN)	21
Figura 2 - Igreja dos Reis Magos em Serra (ES)	23
Figura 3 – Logomarca usada na Camisa da Farda da Folia de Reis Jornada Os Doze Apóstolos de Cristo	51
Figura 4 – Bandeira e demais elementos presentes	53
Figura 5 – Transcrição da música Os Doze Apóstolos (versão de Move as Águas, da Comunidade Evangélica de Goiânia, pelo Mestre da Folia de Reis Jornada Os Doze Apóstolos de Cristo)	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Igrejas brasileiras que homenageiam os Reis Magos	22
Tabela 2 – Folias de Reis em atividade no Estado do Rio de Janeiro cadastradas no Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC)	24
Tabela 3 – Relação de obras consultadas no levantamento da Historiografia Tradicional sobre Folia de Reis.....	29
Tabela 4 – Relação de artigos levantados no Portal Capes sobre Folia de Reis (estudos mais recentes)	42
Tabela 5 – Formação do conjunto instrumental da Folia de Reis Jornada Os Doze Apóstolos de Cristo	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DPHA	Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico
INEPAC	Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
JStor	Journal Storage
PROPEGPEC Cultura	Pro-Reitoria de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SECEC	Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa
SIEC	Sistema Estadual de Cultura
UAB	Universidade Aberta do Brasil
CDFB	Campanha em Defesa do Folclore Brasileiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Objetivos.....	17
1.2 Metodologia.....	17
1.3 Motivação.....	18
1.4 Justificativa.....	19
1.4.1 As marcas da devoção.....	19
1.6 Problematização.....	24
1.7 Referencial teórico.....	25
1.8 Estrutura do trabalho.....	27
2 O ESTADO DA ARTE SOBRE FOLIA DE REIS	29
2.1. A Folia de Reis na Historiografia Tradicional.....	29
2.2 A Folia de Reis nos estudos mais recentes.....	41
3 ENCONTROS COM A FOLIAS DE REIS	49
3.1 Primeiro contato na infância.....	49
3.2 Reconstrução de memória da infância na pós-graduação.....	50
3.3 A Folia de Reis Jornada Os Doze Apóstolos de Cristo.....	51
3.3.1 Um encontro fortuito.....	51
3.3.2 A visita à sede.....	52
3.4 A participação em um cortejo.....	55
3.5 A Folia de Reis por definição.....	57
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

Os grupos de Folia de Reis ou de Reisados, como podem ser chamados, cativam os espectadores. As crianças ficam encantadas com o cortejo, com os instrumentos musicais, com as danças, a devoção, as poesias, as roupas cheias de cores, as fitinhas. Tudo isso compõe um conjunto de elementos que fascina tanto crianças quanto adultos. Uma Folia de Reis realiza um verdadeiro espetáculo ao ar livre, tocando marcha, cortejando de uma casa para outra em um frenesi embalado por energia vital. Na dança dos palhaços, as crianças e adolescentes se aglomeram para apreciar, e, enquanto alguns ficam entre o receio e a entrega, outros vão imitando os movimentos dos palhaços. Saltam em piruetas, exibindo habilidades, quase roubam a cena, tamanha exibição com gestos corporais, dignos dos artistas de circo. Essa atmosfera é um sinal de união, como afirma (Chaves, 2013, p. 124): os palhaços dançam uns com os outros, criando uma atmosfera de informalidade, descontração e comicidade.

A Folia de Reis nos convida a esse universo mágico, etéreo, do qual seria um mal privar as crianças. Vivenciar esse universo lúdico, por meio da brincadeira de Reis, possibilita as crianças o desenvolvimento de habilidades para cantar, tocar, dançar, versar e a interagir com as diversas culturas do Brasil.

Neste trabalho investigou-se a Folia de Reis, sabendo que esta manifestação cultural faz parte do universo de brincadeiras de algumas crianças brasileiras, porque, quando e onde a Folia passa, leva consigo as crianças, e, a criança que já viu uma Folia de Reis de perto, tem medo ou tem saudade! Medo do palhaço, como informa (Andrade, 1989, p. 230) ao descrever uma Folia de Reis. Porém, o medo passa, mas a saudade fica.

As brincadeiras da infância reproduzem o ambiente musical ou artístico do meio social que a criança está. Assim, a criança que vivencia a Folia de Reis, provavelmente, levará esse conhecimento para outros ambientes, formando-se assim outros brincantes pela difusão da Folia de Reis em forma de brincadeira.

A etnomusicóloga Lydia Hortélio, em diálogo sobre suas memórias da infância, diz que a experiência com música a conduzia ao agrupamento pela brincadeira teatralizada: “desde muito pequena gostava de cantar, e ainda me lembro, era atraída por toda manifestação musical e buscava expressão na música muito naturalmente, organizando “teatros” e apresentações musicais com outras Crianças” (Hortélio *apud* Lino, 2014, p. 274). As crianças teatralizam as manifestações culturais nos

brinquedos, vão copiando os adultos. Na Folia de Reis é assim que acontece, as crianças vão copiando, como uma brincadeira educativa.

As festas permitem aos adultos a continuidade desse ritual brincante, em um movimento inverso, onde o adulto assume uma identidade “brincante”, ou seja, nem é adulto nem criança, mas “liminares”, como exposto em (Turner, 1974, p. 5):

Passagens liminares e "liminares" (pessoas em passagem) não estão aqui nem lá, são um grau intermediário. Tais fases e pessoas podem ser muito criativas em sua libertação dos controles estruturais, ou podem ser consideradas perigosas do ponto de vista da manutenção da lei e da ordem (Turner, 1974, p. 5).

Em Moraes Filho constatamos esta evidência festiva do povo brasileiro:

Há dias no ano em que o povo precisa fazer-se criança. Contrariar esta lei, é torná-lo triste, desgraçado. Essa bem-aventurança popular, esse esquecimento momentâneo das lutas pela vida, só a religião largamente proporciona, visto como exclusivamente ela algema as dores que as sociedades desencadeiam nas contingências imediatas, nos acontecimentos decisivos (Moraes Filho, 1979, p. 57).

A Folia de Reis tem, na origem de suas representações, duas forças que se opõem, manifestas no sagrado e no profano, representadas pela figura do menino e do rei mal. O palhaço representa um pouco das duas forças, um misto de ameaça e alegria. As crianças serão transformadas no seu oposto, os adultos, que não ousam investir tempo com brincadeira, e, trabalho não é brincadeira. Consoante a observação de Moraes Filho (1979) e Turner (1974), as festas populares libertam do condicionamento que nos embarga de brincar, de se lançar no lúdico sem hora para acabar. Quando se brinca o tempo corre, então? Por que a educação carece tanto desse universo popular? Faz-se necessário mais convite, ao invés de obrigação. Seria bom convidar a todos para conhecer a nossa multiplicidade de cultura, conhecimento e fé.

Os foliões entram nas casas promovendo a boa convivência. O mestre da Folia está ali salvaguardando a ordem, que não poucas vezes se torna rarefeita, mas ao som firme do apito, o mestre a reestabelece. Esse é um cenário em que se desenvolve uma festa de tradição oral, a Folia de Reis, em um ambiente educativo, onde o mestre está ali para manter a ordem, sendo ele mesmo um dos foliões, um devoto, um brincante.

Na Folia de Reis as regras podem ser debatidas durante o processo, em harmonia com a autoridade do mestre, existe planejamento, engenharia mas há improviso, porque a regra não impera sozinha, é um espaço do jogo, da festa, da brincadeira, do eminente perigo e é um ótimo lugar para criar laços de confiança. Onde é preciso ter flexibilidade no exercício da autoridade para não se tornar autoritário.

Na escola as regras são rígidas e não há tantos espaços livres para a criação, como constatou Koellreutter em 1954 em discurso a estudantes e professores na Bahia:

Sabemos que é necessário libertar a educação e o ensino artísticos de métodos obtusos, que ainda oprimem os nossos jovens e esmagam neles o que possuem de melhor. A fadiga e a monotonia de exercícios conduzem à mecanização tanto dos professores quanto dos discípulos (Koellreutter, 1977, p. 31 *apud* Brito, 2001, p. 29-30)

As orientações do trabalho educativo variam dentro de um conjunto de ideais, tais como descrito por (Barros, 1998, p. 28), que assinala: “Ora se quer fazer do homem um cristão, ora um herói, ora um súdito e assim por diante [...] os fins variam, mas se quer sempre fazer do homem algo que ele não é, algo diferente, se quer moldá-lo segundo um esquema exterior ao seu próprio ser”. Por essa afirmação, pode-se perguntar: “o que fazer?” Para a eficácia do processo educativo, a rede em torno dos educandos precisa assumir uma atitude crítica e participativa na escola, a fim de possibilitar aos agentes da educação os melhores caminhos para ajustar os interesses das partes envolvidas no processo de ensino-aprendizagem.

A educação formal é regida por tendências pedagógicas que apresentam, na maior parte das vezes, noções gerais do mundo e de nós mesmos. A educação escolar, pretendendo ser objetiva, quer preparar o ser humano para o mundo do trabalho, tal qual afirma a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sobre as competências gerais da educação:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhes possibilite entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BNCC, 2013, p. 9).

Nas relações de trabalho, há interesses que se contrariam, por exemplo, o interesse pelas diversidades de saberes. Seguindo a lógica do mercado, a de tirar vantagem, importa saber o que o mercado exige para a subsistência. Não adianta

saber o que não pode ser revertido em lucro. O que não tem função de benefício, nessa lógica, tende-se a se extinguir. Mas em uma situação hipotética, em que o trabalho tenha uma função de mero exercício individual, sem impacto no orçamento financeiro, a valorização dos conhecimentos e saberes culturais representariam autonomia, liberdade. Nesta situação estaria o sujeito livre das pressões por remuneração e responsabilidade ou outras. Ressalte-se que a educação guarda um posicionamento político revelador do trabalho como princípio fundamental para a manutenção das demais relações: de cidadania, de idoneidade, de liberdade.

Esse posicionamento político não auxilia a educação artística, pois a arte é que liberta do mundo do trabalho servil e é a reflexão em arte que leva à liberdade, à autonomia, à responsabilidade. Portanto, o sujeito livre poderá ensinar a liberdade e trabalhar. Segundo o musicólogo e educador musical Barbosa (2019):

A tarefa está posta e a dimensão política de seu cumprimento está no previsível resultado que a educação deve ter: preparar os novos para o cuidado com o mundo, o qual passará e terá também nas gerações posteriores as marcas de nós que por aqui passamos (Barbosa, 2019, p. 57).

Barbosa (2019) enfatiza a necessidade de preparar as novas gerações para cuidar do mundo da forma que entendemos ser possível cuidar. Essa liberdade humana para mudar seu destino, o leva a criar cultura, a imprimir memória no mundo. O autor propõe que:

Se entendemos a capacidade de ler o mundo como o maior legado que levam para a vida os indivíduos que pela escola passam, podemos afirmar que o ensino da História da Música Brasileira em muito pode contribuir para o entendimento da realidade que nos cerca (Barbosa, 2019, p. 56).

A Folia de Reis, enquanto um cortejo brincante, que diverte as classes populares no Brasil, arregimenta seus espectadores enquanto passa. Os populares correspondem rapidamente ao estímulo do toque. Essa predisposição na cultura popular brasileira brincante tem sofrido alterações em sua efetivação junto a uma parte da população adulta e, também infantil. Como identificou Hortélio, as crianças estão desacostumadas do hábito de brincar:

De início pode não ser fácil, porque os nossos Meninos estão desacostumados a se expressar na sua verdadeira língua: o brincar. Teremos então, provavelmente, um interregno desconfortável, muitos descompassos, o mal-estar natural do esquecimento da tradição (Hortélio, 2014, p. 276).

Barbosa (2019) aborda as práticas pedagógicas em três dimensões: a dimensão formativa, a postura pedagógica e a formação cidadã. Ao educador musical, recomenda o autor: “manter-se em dia com a produção de conhecimento específicos da área e dos diálogos que ela tem com o universo de conhecimentos que dela se avizinha” (Barbosa, 2019, p. 48), assumindo então uma postura dialógica necessária a área das Humanidades. Na segunda dimensão propôs-se uma reflexão crítica sobre o que se ensina às crianças, levando-se em consideração a sociedade atual, ou seja, uma busca pela coesão entre o que acreditamos e o que ensinamos. Na terceira etapa da reflexão, Barbosa (2019) postula que “a ênfase [...] é na construção de ações educativas direcionadas para a cidadania e a música brasileira tem muita história para contar neste sentido!”

1.1 Objetivos

Apresenta-se como objetivo geral desta pesquisa valorizar o conhecimento sobre a produção acadêmica referente ao patrimônio cultural brasileiro, oferecendo subsídios para a utilização da Folia de Reis como fonte geradora em projetos educacionais.

Os objetivos específicos são

- a) refletir sobre as possibilidades de uma Folia de Reis ser integrada nas práticas docentes da Educação Básica como parte de uma ação multidisciplinar.
- b) destacar o caráter lúdico da Folia de Reis e sua adequação para o trabalho junto ao público infantil na Escola.
- c) aprofundar a discussão sobre as origens das tradições orais brasileiras e o legado que se transmite à população por meio da escola, entendida como uma fonte confiável e segura de informações.

1.2 Metodologia

Quanto aos procedimentos adotados na coleta de dados (Zanella, 2013, p. 36-37), a metodologia aplicada para a realização deste trabalho, está respaldada pela revisão bibliográfica e documental, utilizando-se assim da análise e fichamento de fontes bibliográficas especializadas para levantamento das informações relevantes sobre o objeto de estudo. As fontes de consultas foram livros e artigos publicados em periódicos acadêmicos. No que concerne à sua natureza o estudo se caracteriza como

pesquisa aplicada (Zanella, 2013, p. 32) porque visa contribuir para a expansão do conhecimento do patrimônio cultural brasileiro. Em conexão com as leituras realizadas, foi feita uma observação participante (Gerhardt e Silveira, 2009, p. 76), no intuito de melhor compreender os aspectos da realidade vivida no fenômeno estudado. Quanto aos objetivos a pesquisa se classifica como exploratória por pretender ampliar os conhecimentos sobre o tema.

1.3 Motivação

Durante a minha formação na Educação Básica, a Folia de Reis, como tema específico, não esteve presente, nem na literatura nem na vivência. Igualmente ausente esteve na minha formação superior em Música. Apenas na Pós-Graduação (Especialização em Práticas Musicais na Educação Básica), por conta de uma atividade de reconstrução de memórias da infância, percebi o quanto essa manifestação popular é importante e também o seu valor cultural. Só então pude assumir essa parte da minha memória que subjazia adormecida. Identificada a aproximação que tive na infância com a brincadeira de Reis, foi buscar as informações necessárias e ativar as minhas memórias sobre a Folia de Reis.

Comecei a estudar na região metropolitana do Rio de Janeiro, embora eu seja de uma cidade pertencente a baixada fluminense chamada Queimados. Queimados é uma cidade integrante da região metropolitana do Rio de Janeiro. Ela fica a, cerca de duas horas de ônibus, distando, aproximadamente, 52 km do Centro do Rio de Janeiro. Em Queimados há uma forte tradição de Folia de Reis e foi lá que tive meu primeiro contato com a Folia de Reis e que resgato primeiro pela memória.

Em 11 de novembro de 2023, conheci o mestre da Folia de Reis Os 12 Apóstolos de Cristo, reisado que têm sua sede na Cidade de Deus. A Cidade de Deus é um bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro que se formou por pessoas removidas das favelas da região central do Rio de Janeiro como parte da política de remoção de favelas empreendidas na década de 1960. Em estágio anterior a região abrigou fazendas para o plantio de cana de açúcar e café, suas ruas são denominadas por nome de personagens da Bíblia. Conhecer esta Folia foi motivador porque me levou a observar que nas comunidades cariocas existem grupos que resistem ao esquecimento de suas tradições, como é o caso da Folia da Cidade de Deus.

Sobre a preservação do patrimônio imaterial brasileiro, o acesso aos livros, do Programa Integrado de Educação para o Patrimônio Cultural (Souza e Carvalho, 2014,

p. 14) me motivou a pesquisar, de igual modo, os trabalhos desenvolvidos no âmbito da Campanha em Defesa do Folclore e acentuou a minha preocupação com a difusão da cultura popular brasileira e a sensibilização das crianças para bem aproveitarem as riquezas das manifestações populares brasileiras.

1.4. Justificativa

A convivência entre várias culturas, ao longo da ocupação territorial, no Brasil, deixou marcas, muitas vezes positivas, outras não. Cultivou-se, entre grupos, um sentimento de pertencimento que por meio de manifestações culturais formaram o nosso patrimônio cultural. Este patrimônio imaterial representa o acervo da produção intelectual a respeito de diversas manifestações populares brasileiras e que, como memória precisam ser difundidas.

Ainda em meados do século XX, em palestra intitulada “O Folclore no Jardim de Infância e nos Cursos Pré-Primário e Primário” (Ribeiro, 1961, p. 90), a autora defendeu a utilização do folclore na Educação Básica, objetivando apresentar a riqueza imaterial do Brasil aos estudantes, assim como defendeu o valor do folclore como elemento pedagógico no processo didático do ensino de Linguagem, Geografia, História, Cálculo, Desenho, Artes Manuais e Música.

Em (Brito, 2001, p. 18) apresenta-se questões essenciais à pedagogia musical defendidas por Hans-Joachim Koellreutter, quais sejam: a) o relacionamento e a interdependência entre a música, as demais artes, a ciência e a vida cotidiana, b) a improvisação como uma das principais ferramentas para a realização do trabalho pedagógico-musical, c) o objetivo maior da educação musical: o ser humano. Estas questões podem ser relacionadas com o trabalho de educação musical por meio da Folia de Reis, visto que há uma dependência entre as artes, há improviso e o ser humano é objeto final.

1.4.1 As marcas da devoção a Santos Reis

A devoção a Santos Reis é uma herança do colonizador europeu que se mantém viva no Brasil pelos “Grupos de Reis” (Silva, 2006, p. 15), assim como por outras manifestações que tem como objeto de devoção os Santos Reis. Essa importância pode ser observada pela deferência que se presta aos santos nomeando monumentos, bairros e regiões, tais como; o Forte dos Reis Magos (RN) (figura 1) que

evidencia o quão importante foi a tradição dos Reis Magos para o colonizador português.

O Forte dos Reis Magos foi o local de onde partiram as primeiras iniciativas administrativas da Capitania do Rio Grande como a emissão de forais. A Fortaleza da Barra do Rio Grande, popularmente conhecida como Forte dos Reis Magos ou Fortaleza dos Reis Magos, foi o marco inicial da cidade fundada em 25 de dezembro de 1599, no lado direito da barra do Potengi (hoje próximo a Ponte Newton Navarro). Recebeu esse nome em função da data de início da sua construção, 6 de janeiro de 1598, Dia de Reis, pelo calendário católico. Em formato de estrela, a fortaleza foi construída pelos colonizadores portugueses em 1598. Em 1633 foi invadida pelos holandeses. Anos mais tarde, os portugueses conseguiram retomar a cidade e o forte. O monumento ainda preserva os canhões expostos na parte superior do prédio, capela com porão de água doce e alojamentos (Câmara Municipal de Natal, 2024, Memorial Legislativo).

Figura 1 - Forte dos Reis Magos (RN)



Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/galeria/detalhes/265>

De igual natureza, a Cidade de Angra dos Reis (RJ) teve como primeiro nome Vila dos Reis Magos da Ilha Grande, assim como o Bairro dos Reis Magos em Serra (ES) e uma igreja chamada Igreja dos Reis Magos na mesma cidade além de um rio e um Hotel. As igrejas denominadas aos Santos Reis estão espalhadas em nosso território de forma a legitimar uma comunidade que se organiza em torno de Santos Reis, por exemplo:

Tabela 1 – Igrejas brasileiras que homenageiam os Reis Magos

Nome da igreja	Cidade	Estado
Igreja dos Santos Reis em Trindade	Trindade	GO
Paróquia de Santos Reis	Araxá	MG
Igreja de Santos Reis	Bambuí	MG
Capela Santos Reis	Olinda Uberaba	MG
Capela de Santos Reis	Porteirinha	MG
Igreja dos três Reis Santos	Córrego das almas /Arcos	MG
Igreja de Santos Reis	Mirante	BA
Igreja de Santos Reis	Buriri Cortado/ Baianópolis	BA
Paróquia Santos Reis	Montes Claros	MG
Igreja Santos Reis Barretos	Barretos	SP
Paróquia Santos Reis	Água Azul / Lapa	PR
Igreja Evangélica de Confissão Luterana Três Reis Magos	Hamburgo Velho / Novo Hamburgo	RS
Igreja dos Três Reis Magos	Serra	ES

Fonte: O autor, 2024.

Estas são alguns dados sobre as Igrejas espalhados pelo Brasil, podem ser acessados pelo *Google Maps* (maps.google.com).

Pela incidência de templos nomeados aos magos, observa-se a importância dessas figuras para os Cristãos Católicos e a permanência de um modelo a partir do qual as Folias de Reis permanecem como folguedo irremovível das festas do ciclo natalino. Os foliões de Reis fazem parte dessa irmandade guardiã da fé.

Figura 2 - Igreja dos Reis Magos em Serra (ES).



Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1361/>

Frade (*apud* Silva, 2006, p. 11) discorre sobre o valor dos reisados no Brasil e no Exterior, afirmando a força que exercem os Grupos de Reis nas respectivas culturas:

A vigência de Reisados, não só no Brasil como em outros países, compõe uma teia surpreendente. Vários locais europeus – Alemanha, Espanha, Inglaterra, Itália, França, Portugal – e americanos – Argentina, Estados Unidos, Guatemala, México, Peru e Brasil – devem a essa expressão de cultura algumas páginas de suas histórias (Frade *apud* Silva, 2006, p. 11).

A exuberância da narrativa dos Reis Magos impulsionou manifestações culturais no Brasil e em vários outros países do mundo. Aqui chegou por meio do ensino religioso dos portugueses que, pretendendo converter ao cristianismo os nativos e os negros escravizados, utilizavam-se de temas religiosos, dentre eles os relacionados à natividade de Cristo (Sousa; Zimerer; Zordan, 2017, p. 215).

A tabela a seguir demonstra a forte presença das Folias de Reis no Estado do Rio de Janeiro:

Tabela 2 – Folias de Reis em atividade no Estado do Rio de Janeiro cadastradas no Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC)

Região	Município	Quantidade
Centro Fluminense	Cantagalo	4
	Cordeiro	2
	Duas Barras	1
	Nova Friburgo	4
	Nova Paraíba do Sul	3
Metropolitana	Mangaratiba	1
	Belford Roxo	1
	Iguaçu	5
	Mendes	2
	Mesquita	2
	Miguel Pereira	1
	Paty do Alferes	5
	Queimados	1
	Tanguá	1
	Vassouras	15
	Duque de Caxias	3
	Itaboraí	1
	Magé	4
	Paracambi	1
	Rio de Janeiro	8
Noroeste Fluminense	Aperibé	1
	Bom Jesus do Itabapoana	3
	Cambuci	1
	Italva	2
	Itaocara	2
	Itaperuna	1
	Laje do Muriaé	6
	Miracema	3
	Porciúncula	1
	Santo Antônio de Pádua	5
	Varre-Saí	1
	Norte Fluminense	Cardoso Moreira
Macaé		1
São Fidélis		3
Angra dos Reis		1
Sul Fluminense	Barra do Pirai	11
	Barra Mansa	2
	Parati	1
	Rio das Flores	2
	Valença	3
	Volta Redonda	2

Fonte: <http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/acervo/detalhar/38/0>

1.5 Problematização

Os colonizadores trataram logo de substituir, no Brasil, o modelo de vida do selvícola por um modelo útil aos interesses da coroa portuguesa. Assim, o trabalho de catequização serviu-se das artes para instruir os nativos desta terra. Autores como (Souza e Carvalho, 2014, p. 31), informam sobre o pioneirismo dos jesuítas na Baixada Fluminense e da transformação na vida cultural dos habitantes. Todavia, ressaltam o quanto essa transformação educativa foi violenta, enquanto, Oliveira Filho (2001), dando maior dimensão ao problema, acrescenta que, no período entre 1500-1808, o Brasil Colonial passou por um isolamento que estancou, de forma estratégica, a produção de informações sobre o território recém conquistado. Enfim, pouco se sabe do Brasil nesse período, em consequência do isolamento, redundando num problema para pesquisa documental.

[Na] fase colonial, as comunicações e os transportes estavam muito pouco desenvolvidos. Portugal, pequeno, militar e economicamente fraco, tinha por estratégia de conservação da sua principal colônia, a política de sigilo, que a isolava do mundo (Oliveira Filho, 2001, p. 13).

A crise de identidade local, gerada por um modelo educativo, se deu pela imposição de um padrão cultural violento. As primeiras populações, foram convencidas da superioridade da cultura dos colonos. Nessa arena de ritos, mitos e lendas, a cultura popular travou seus embates, enfrentou o ódio, a intolerância, o abandono das terras africanas, o abandono da vida na selva e o confinamento nas primeiras vilas. No dia a dia do trabalho servil, a aridez do ambiente legitimou, na cultura formal e erudita, o ideário do colonizador, em torno do qual se desenvolvem as tradições populares, a exemplo disso estão as festas cíclicas, sempre seguindo o calendário dos Santos Católicos, de natureza igual, na Festa de Natal a Folia de Reis está em busca de uma acolhida, em busca de lugar para habitar. Essa busca por acolhimento identifica-se no texto de Anna Augusta (1979):

Nos tempos medievais e nos lugares de origens da maioria – Portugal e Espanha – os autos eram populares e representados pelos servos, em comemoração ou homenagem. Os fidalgos amos e senhores os assistiam reunidos nos palanques destinados a torneios e outros espetáculos ou reunidos à volta da mesa, durante ceias e banquetes festivos. Atualmente, a mesa é, em verdade, apenas a do lanche que espera os artistas, parentes e convidados (Augusta, 1979, p. 170).

Nas culturas anteriores ao cristianismo, esse ritual festivo não ultrapassa o domínio da vida útil, não é uma festa ideal, não é sobre o que falta, mas sobre o real, tanto que o ritual das Maias acontecia diante de um arbusto que simbolizava a fertilidade da terra. Nesse contexto das aldeias de agricultores, tal elemento fazia sentido para o camponês que, comunitariamente, travava força contra a natureza e em contribuição, reverenciava essas forças em agradecimento da colheita e pela boa produção em épocas futuras, conforme apresentado por Cascudo (1979), ao descrever a Árvore de Natal:

Pinheiro, cortado em maio e replantado na praça da aldeia, símbolo votivo do espírito fecundador da vegetação, assegurando, pelas homenagens recebidas, a continuidade das colheitas. O culto, muito anterior, ao Cristianismo, é de presença jubilosa nas populações rurais da Europa, com expansão mais vasta. Enfeitadas de grinaldas, fotões, frutos, luzes, bandeiras, serve de irresistível centro aos folguedos aldeões, farândolas, cirandas, pau-de-fitas e bailados coletivos ao redor do pinheiro ornamental, ao som de cantos [próprios, as canções de maio] (Cascudo, 1979, p. 81).

A vida no ambiente urbano tem distanciado a Folia de Reis das festas Natalinas, porque, atualmente, outros elementos vão substituindo esses autos. Outro obstáculo é a dificuldade de convivência e sociabilidade da sociedade moderna, que até hoje persiste no isolamento de grupos de minorias por divergências de pensamento.

1.6 Referencial teórico

O quadro teórico deste trabalho é composto por autores que auxiliam no embasamento dos eixos temáticos que estão imbricados na abordagem aqui empreendida.

Barbosa (2019) e Volpe (2019) contribuem com as reflexões sobre Pedagogia da História da Música para a Educação Básica que podem ser aplicadas à possibilidade de aproveitamento da Folia de Reis como proposta de projeto pedagógico nos vários segmentos da Educação Básica.

Volpe (2019) chama a atenção para o crescimento das pesquisas sobre a música popular brasileira e sinaliza para o fato de que esse conhecimento produzido é subutilizado na educação básica, portanto, é salutar utilizar o conhecimento produzido na universidade no nível da Educação Básica. Para, tanto o educador musical precisa atualizar seu repertório. De igual modo, é sugerido uma reflexão filosófica, sobre os termos adjetivos da música como: “popular”, “erudita” e “brasileira”,

dentro de um ambiente de ensino e aprendizagem. Essa reflexão desenvolvida sobre a Folia de Reis auxilia a inter-relacionar os itens: repertório, manifestação cultural, contexto histórico, social, econômico e político. Sobre a experiência direta com a música (Volpe, 2019, p. 33) destaca que há ganhos nos aspectos: físico, emocional, afetivo, cognitivo e social.

Barbosa (2019, p. 48) convida o educador musical a ousar em seus projetos educativos sobre a História da Música Brasileira, tendo em vista a ampliação de horizontes em sua prática docente. Ele recomenda ao educador a formação continuada, a atualização, o domínio das ferramentas pedagógicas e a reflexão sobre que posicionamento o impele aos procedimentos didáticos referentes a sua prática educativa. Da mesma forma que o educador deve se preocupar com a construção de ações educativas para a cidadania, adverte-se sobre a necessidade de o professor identificar a necessidade de pesquisas para saber quais as tradições estão sendo representadas, no nível da educação básica, e em que relação de hierarquia, para este caso de pesquisa, recomenda-se o levantamento bibliográfico como fonte de aquisição de conhecimento especializado.

Lydia Hortélio (*apud* Lino, 2014) e Huizinga (2007) tecem considerações importantes sobre o conceito da ludicidade.

Sobre a Música tradicional da Infância, Hortélio discorre sobre a necessidade de uma equipe multidisciplinar para dar conta da magnitude das Manifestações Culturais do Povo Brasileiro (Lino, 2014, p. 278) e da aplicação desse conhecimento na educação das crianças. A autora reforça o fato de que o ambiente familiar exerce forte influência na forma como as crianças brincam (Lino, 2014, p. 273) e a necessidade de uma Escola que ofereça uma Educação Musical fundada na Cultura Brasileira. Em *O presépio ou o baile de Deus Menino: um Natal brasileiro* (Hortélio, 2011 *apud* Tomich, 2016, p. 79) Hortélio idealiza uma encenação do Natal à moda brasileira, no formato proposto, a autora destaca as características locais do auto, que apresenta maior proporção sobre o modelo que hoje tornou-se mais praticado nacionalmente.

Huizinga (2007) contribui para a pesquisa da cultura ao explorar o jogo como uma atividade que ultrapassa a inteligência lógica humana. O jogo perpassa o absoluto e se estrutura a partir do imaginário. O autor resgata a qualidade brincante do homem ao impulsionar a atividade lúdica quando diz “o jogo possui uma realidade autônoma” (Huizinga, 2007, p. 6), e afirma que, essa atividade não precisa da língua

falada, o jogo permanece quando diversos conceitos fundamentais que sustentam a sociedade perdem força ou desaparecem, conceitos sociais, estéticos, morais, religiosos, todavia o jogo é a última força a sustentar a vida emocional, sobre a natureza do jogo diz:

Mas reconhecer o jogo é, forçosamente, reconhecer o espírito, pois, o jogo, seja qual for sua essência, não é material. Ultrapassa mesmo no mundo animal, os limites da realidade física. Do ponto de vista da concepção determinista de um mundo regida pela ação de forças cegas, o jogo seria inteiramente supérfluo. Só se torna possível, pensável e compreensível quando a presença do espírito destrói o determinismo absoluto do cosmo (Huizinga, 2007, p. 6);

Augusta (1979) produziu uma obra resultante de pesquisas sobre o folclore no Norte fluminense do Rio de Janeiro, na qual foram registradas partituras musicais dos cantos produzidos pelas Folias de Reis. A pesquisadora identificou, na região estudada, que o termo reis é flexível significando folia (folguedo), reisados, celebrações de: Natal, Ano Novo e dia de Reis, ternos, ranchos, loas, autos pastoris, Jaraguá (Augusta, 1979, p.11). Suas fontes bibliográficas incluem importante autores para aludir às raízes históricas dos reisados.

1.7 Estrutura do trabalho

Após essa seção introdutória, outras duas seções se sucedem na continuidade do trabalho.

Logo a seguir, há uma exposição do estado da arte sobre o tema estudado em que o autor da presente monografia apresenta um balanço da Historiografia Tradicional sobre Folia de Reis e tópicos correlatos, ou seja, um apanhado do que está presente no trabalho dos primeiros pesquisadores do folclore nacional.

Os resultados desta busca se apresentam de maneira sucinta, pois se trata de uma primeira investida no assunto. Ainda na mesma seção, é apresentado um balanço dos estudos mais recentes sobre Folia de Reis, num esforço de se dimensionar a atenção dada a esse tema nos últimos dez anos, por meio do levantamento de artigos publicados em periódicos acadêmicos especializados brasileiros com revisão por pares.

Na sequência, são compartilhadas as experiências pessoais do pesquisador com a manifestação cultural estudada, relato no qual a Folia de Reis retoma o lugar de destaque por meio da vivência. A observação *in loco* agregou melhor entendimento

à literatura consultada, tanto para o trabalho dos primeiros pesquisadores do assunto como para os 17 artigos.

Fechando o texto encontram-se as Considerações Finais seguidas das Referências completas às obras utilizadas nesta pesquisa.

2 O ESTADO DA ARTE SOBRE FOLIA DE REIS

O tema da Folia de Reis é difundido em diversas áreas do conhecimento, pois tem origens que remontam o início do povoamento do Brasil. Mas, o estudo tende a ser muito abrangente ou demasiadamente definido, procuramos traduzir da melhor forma o conhecimento encontrado nas pesquisas sobre a Folia de Reis.

2.1 A Folia de Reis na Historiografia Tradicional

O levantamento da literatura tradicional pretendeu conhecer a contribuição dos primeiros estudiosos do folclore nacional, sem a qual não se pode lançar-se a qualquer tipo de empreendimento em estudos de tradição oral. Os livros foram localizados em bibliotecas públicas a partir de buscas realizadas na Base Minerva (UFRJ). Contemplou-se livros, dicionários, folhetos e revistas sobre Folia de Reis e outras tradições com as quais a Folia de Reis é partícipe. O período de edição do livro mais antigo, dessa seleção, foi 1935 e o mais recente data de 1979. O conteúdo abarcado pelos livros é estendido, porque há um recuo no tempo, provendo explicitar as origens europeias das manifestações culturais brasileiras a partir do Brasil colônia (1500-1806).

Tabela 3 – Relação de obras consultadas no levantamento da Historiografia Tradicional sobre Folia de Reis

ANO	AUTOR	TÍTULO DA OBRA
1935	Mário de Andrade	Origem das danças dramáticas brasileiras (<i>RBM</i> , v. I, nº1)
1946	Mello Moraes Filho	Festas e tradições populares do Brasil
1950	Oneyda Alvarenga	Música popular brasileira
1959	Mário De Andrade	Danças dramáticas do Brasil
1962	Luís Da Câmara Cascudo	Dicionário de folclore brasileiro
1964	Alceu Maynard Araújo	Folclore nacional – vol. I
1964	Maria Amélia Correia Giffoni	Danças folclóricas brasileiras e suas aplicações educativas
1973	Alceu Maynard Araújo	Cultura popular brasileira (2007)
1976	Maria de Lourdes B. Ribeiro	O folclore na escola
1977	Záide Maciel de Castro; Aracy do Prado Couto	Folia de Reis
1977	Carlos Rodrigues Brandão	A Folia de Reis de Mossâmedes
1979	Anna Augusta	Cantigas de Reis e outros cantares
1979	Rossini Tavares de Lima	Escola de folclore

Fonte: O autor, 2024.

Importante salientar que Andrade (1935) publicou o texto sobre a origem das danças dramáticas no número inaugural da *Revista Brasileira de Música*, o mais antigo periódico acadêmico em circulação na atualidade. Neste importante periódico

ficou resguardado, ainda no ano de 1935, o espaço para abordagem das manifestações culturais de tradição oral, como as chamamos hoje em dia. Neste trabalho, em que o estudioso da cultura popular usa a denominação “danças dramáticas” para se referir aos bailados populares e coletivos. Nelas identifica a forma *suíte*¹ e utiliza essa nomenclatura, uma vez que são constituídas por sequências de música de danças, assemelhando-se da forma europeia assim conhecida. O levantamento empreendido por Mário de Andrade já identificou àquela época uma grande quantidade de danças dramáticas no Brasil e, quanto ao seu caráter, são apontadas como manifestações que guardam as nossas origens étnicas portuguesa, africana e indígena, persistindo em suas origens, conjuntamente, os temas religiosos sagrados e profanos. O autor enfatiza que, da mesma forma, as festas eclesiásticas na Espanha e Portugal são também festas populares.

O autor informa que as festas eclesiásticas do Advento, Natal, Corpo de Deus e Reis, tem suas origens em tempos antigos e decididamente misturam elementos pastoris e alegóricos. Ele aponta os vilancicos galego-portugueses como sendo a fonte dos nossos Pastoris, assemelhando-se em forma e razão histórica. Há informações neste estudo sobre os vilancicos nos séculos XVII e XVIII nos dias de Natal e Reis. Às Cheganças dos Marujos e aos Pastoris estão ligados os Vilancicos. Nos bailes Pastoris, destaca-se a presença do Cortejo, apontado como, origem do Ritual das Calendas². Nestas tradições populares se observa uma percepção universal de morte e ressurreição pela qual passa toda a matéria, por isso se diz danças dramáticas.

Entre as reflexões propostas por Andrade consta a censura que a Igreja Católica praticou relativamente a esses rituais por ela considerados como pagãos, realizando neste contexto, ações de ensino que resultassem na conversão, para o catolicismo, dos cortejos e cerimônias pagãs. Neste sentido, unificaram-se datas, aproximando-se as manifestações culturais, converteu-se os elementos possíveis de

¹ Os compositores da Renascença algumas vezes ligavam uma dança a outra (por exemplo, a pavana e a galharda). Os barrocos ampliaram essa concepção, chegando a forma da **suíte**: um grupo de peças para um ou mais instrumentos. Houve muitas suítes escritas para cravo, e o esquema mais comum acabou abrangendo uma série de quatro danças de diferentes países: uma **allemande** de andamento moderado, uma **courante** moderadamente rápida ou uma **corrente** bem mais rápida, uma **sarabanda** vagarosa, uma alegre **giga**. (Bennett, 1986, p. 41)

² Dentre as canções dos *troubadours*, uma das mais conhecidas é *Kalenda Maya*, música que pode ser cantada em um tempo de dança bem ritmado: "Primeiro de maio, mas nenhuma flor, flor ou canto de pássaro me pode dar prazer, enquanto notícias de meu amor não receber..." (Bennett, Roy. 1986, p. 18).

assimilação, a exemplo do que diz (Andrade, 1935, p. 37) que: “em Portugal (1385) as Janeiras e Mais foram substituídas por procissões. Aos cortejos peditórios das Janeiras e Maias coincidiam os cortejos reais dos [sovas] africanos bem como os cortejos dançados dos países cristãos”.

Embora não apresente a Folia de Reis como a conhecemos hoje, Andrade aponta as suas origens e identifica nas Maias, Janeiras, nas Calendas, nos Vilancicos, Cheganças dos Marujos, festas de Natal, festa de Reis, Corpo de Deus, os componentes das danças dramáticas brasileiras dentre as quais a Folia de Reis está inserida. Ressaltando-se que esse texto é representativo das primeiras pesquisas sobre cultura de tradição oral, foi possível identificar que: a dança, a música, o cortejo, o caráter dramático das Folia de Reis encontra-se como elementos coincidentes no conjunto das manifestações citadas.

Seguindo a cronologia desse grupo de textos fundamentais para se entender a trajetória do conhecimento sobre o tipo de manifestação cultural aqui abordada, encontramos o trabalho de Moraes Filho (1946). Destaca-se aqui o trecho sobre “a noite de Natal na Bahia”, no qual o autor reflete sobre as origens das canções populares típicas das festas e cerimônias ligadas à Igreja. No decorrer deste trecho é informado que estas canções populares tinham um amplo alcance e eram autônomas, já no século XIII, no contexto europeu e que, distintas das canções litúrgicas, diferem-se por hibridizar sentimentos profanos e religiosos sem deixar de lado o seu teor artístico original. Embora popular, sua poesia faz parte do ideário religioso. O pesquisador enfatiza que, em torno da festa do Natal, desde a Idade Média, aconteciam os *autos* e *cheganças*, que eram procissões solenes da qual faziam parte os trovadores e menestréis que recitavam os *natais* (versos destinados a celebrar o nascimento de Jesus) nas lapinhas dos presepes de Belém. Nestas manifestações, havia personagens caracterizados de pastores e Reis Magos tocando instrumentos de corda, dançando, cantando e contando seus *mistérios* diante do Messias das Nações. Cenas pitorescas, dramas infantis, poesia imitativa, lirismo, animais falantes, Deus Menino, o coro, acordes de cítara, a improvisação, são elementos do auto. De acordo com o autor, os bretões teriam copiado e levado para a Europa essa tradição que chegou a Espanha, Portugal e, posteriormente, no Brasil.

Alvarenga (1950) apresentou em meados do século passado um trabalho denso e panorâmico sobre a música brasileira de cariz popular. Neste estudo, a festa de Reis vista como uma tradição que é caracterizada pela presença dos “grupos que

com cânticos de louvação e de peditório, carregam pelas cidades e zonas rurais um estandarte com um emblema religioso” (Alvarenga, 1950, p. 201). As “Folias” são denominadas também por “Bandeiras”. Segundo a pesquisadora, esses grupos realizam saídas em outras datas do calendário católico e arrecadam dinheiro para as festas que participam. A Folia de Reis é apresentada como idêntica à Folia do Divino, acrescentando que se trata de uma manifestação possível de ser encontrada por todo o Brasil, todavia com outros nomes. Alvarenga registrou Folia de Reis em São Paulo e Goiás e informa que: “São nos estados do Centro e Sul que a organização das Folias está melhor descritas” (Alvarenga, 1950, p. 202). A autora traz detalhes quanto à configuração do grupo e funções desempenhadas por seus integrantes: dois violeiros (cantores), duas crianças com pandeiro e triângulo, uma caixa, um alferes ou porta bandeira, uma pessoa responsável pelos donativos, um grupo de acompanhantes e um salveiro (fogueteiro) encarregado de fazer as salvas em frente à casa onde a Folia vai cantar. Quanto à dinâmica do cortejo, informa que as Folias percorrem de preferência as zonas rurais, entre os cantos de pedido e agradecimento, beijam a bandeira e entregam as ofertas;³ à noite, a Folia repousa em uma residência amiga, onde é servido um jantar após a entrega da bandeira; depois do repouso, a Folia retira a bandeira, seguindo a sua Jornada.

Oneyda Alvarenga registra a Folia de Reis com maior clareza embora ela mencione a “Folia que se reúne durante o dia de Reis” e a “Folia que se reúne na Festa do Divino” como idênticas. A Folia de Reis é descrita em seu estudo sem a presença de mascarado ou palhaço.

Novo texto de Mário de Andrade vem à luz algumas décadas depois, desta feita em formato de livro. Nele, podemos perceber a compreensão do autor sobre as origens formais das danças dramáticas do Brasil, como derivando de três tradições básicas. 1) do costume do cortejo com coreografia e canto em que coincidiam as tradições pagãs das Janeiras e Maias, as tradições profanas cristãs das corporações proletárias, dos cortejos reais africanos e das procissões católicas com folia de índios, pretos e brancos (Andrade, 1959, p.33); 2) dos Vilancicos religiosos que tem como representantes mais próximos os Pastoris e as Reisadas portuguesas; e 3) dos brinquedos populares ibéricos celebrando as lutas de cristãos e mouros.

³ No original, **esmola**. Embora seja uma prática comum, troquei por um termo mais adequado aos dias atuais.

Numa obra de referência, fruto do intenso trabalho de pesquisa do folclorista Luiz da Câmara Cascudo, consolidada em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, é possível encontrar o verbete “Reis”, no qual pode ser lido:

Festas populares na Europa (Portugal, Espanha, França, Bélgica, Alemanha, Itália etc.) dedicada aos três Reis Magos em sua visita ao Deus Menino. Os reis continuam vivos e comemorados, sendo a época de dar e receber presentes, “os reis”, de forma espontânea ou por meio de grupos, com indumentária própria ou não, que visitam os amigos ou pessoas conhecidas (Cascudo, 1962, p. 668).

Cascudo cita Nuno Marques Pereira que registra um desses grupos “pedindo os Reis” na Bahia, na segunda década do século XVIII:

Uma noite dos Santos Reis, saíram estes (homens) com vários instrumentos pelas portas dos moradores de uma vila, cantando para lhes darem os Reis, em prêmio do que uns lhe davam dinheiro, e outros doces, e frutas etc. (Pereira *apud* Cascudo, 1962, p. 668).

Ainda na obra de Cascudo há a referência a uma festa muito concorrida na cidade de Natal (RN), pelo povo na capela dos Reis Magos na Limpa, onde são veneradas as imagens que estavam no Forte dos Reis Magos e que foram enviadas pelo Rei D. José, em 1752.

José Maria da Silva Paranhos (que viria a se tornar Visconde do Rio Branco) deixou descrito em *Cartas ao amigo ausente*, registro também referido por Cascudo, um Reis na Capital do Império, em janeiro de 1851:

No Bairro do Catete, o nosso fauboury St. Germain, alguma coisa houve que merece honrosa menção, já pelo seu valor intrínseco, já pelo seu estimativo devido à raridade. Formou-se ali no saudável sítio das Laranjeiras, um numeroso e luzido Reis, composto dos adultos e menores das famílias das mais gradas do lugar, que fez diferentes incursões com o mais feliz êxito. À frente ia os Três Reis Magos, vestidos a caráter, e montados em garbosos e bem arreados ginetes (Paranhos *apud* Cascudo, 1962, p. 669).

Outros dois verbetes chamam a atenção por trazer informações sobre manifestações culturais que se davam durante o ciclo natalino e cujos elementos mantêm similaridades com algo da Folia de Reis.

O primeiro deles é relativo às Janeiras. Nele, lê-se:

Canção entoada por um grupo que visitava pessoas amigas, no primeiro dia do ano. Dar as janeiras, cantar as janeiras, pedir as janeiras, são expressões que fixavam a festa tradicional ligada ao ciclo do Natal. Trata-se de uma

reminiscência portuguesa, que o Brasil conheceu e praticou até fins do século XIX (Cascardo, 1962, p. 396).

A visitação com canções dentro da época em que se passou a realizar mais tradicionalmente a Folia de Reis é o paralelo encontrado.

O outro verbete é o relativo à Árvore de Natal, cujas origens remontam às populações rurais da Europa. Segundo (Cascardo, 1962, p. 81), cortava-se uma árvore, álamo, abeto ou pinheiro, e a replantava na praça da aldeia. Representava o símbolo votivo do espírito [fertilizador] da vegetação, assegurando, pelas homenagens recebidas, a continuidade das colheitas, certamente com estreita relação a um culto anterior ao cristianismo, uma festa milenar. Esta árvore enfeitada servia de irresistível centro aos folguedos aldeões e aos bailados coletivos ao redor do pinheiro ornamentado ao som de canções de maio. Os alemães costumavam cantar: “Ó Pinheiro! Ó Pinheiro! Como são verdes as tuas folhas! ”, continua Cascardo, acrescentando que depois do século IV, esta festa convergiu para o Natal cristão, indo de maio para dezembro. A Árvore-de-maio tem um ritual típico com danças, cantigas, um casal de jovens seguido por grupos de foliões, semelhante às maias em Portugal. No estudo de Cascardo, data de 1909 o primeiro registro d’A árvore de Natal em território brasileiro, mais especificamente na cidade de Natal (RN). Incorporada definitivamente ao Natal cristão, trata-se de uma sobrevivência de um ritual pagão.

As relações com a Folia de Reis aqui são o caráter rogatório, a época do ano em que passou a ser realizado o rito, além dos bailados e cantos coletivos.

Na esteira dos estudos do folclore nacional brasileiro, surge em 1964, uma obra em três volumes, de autoria de Alceu Maynard Araújo. Encontram-se as observações do autor sobre a Folia de Reis em Cunha (SP) no volume I desta obra, dedicado a Festas, Bailados, Mitos e Lendas (subtítulo do volume). Entre elas, destacam-se:

O grupo representante dos Reis Magos é chamado *Folia de Reis*. A que percorre sítios e fazendas é a Folia de Reis de Caixa. A que canta na cidade, sem sair rocio é a Folia de Reis de Banda de Música ou Folia de Reis de Banda. A Folia de Reis de Música inicia a jornada às 22hs e prolonga-se até as 5hs da manhã (Araújo, 1964, p. 134)

Em entrevista a Araújo, registrada na obra aqui em apreço, o maestro Emílio A. Nubelli, fundador da corporação musical do Sagrado Coração de Jesus, informa, relativamente à formação instrumental, que “os foliões de Reis de Música usavam três

violões, um cavaquinho, um pandeiro, dois pistons, um tantã, uma clarineta, um baixo, e dois saxofones altos” (Nubelli *apud* Araújo, 1964, p. 135).

Araújo destaca a relação de grande reverência que é mantida pelos grupos de Folia de Reis com o presépio:

Sobre o manejo dos presépios observa que depois do dia 6 de janeiro, repõem os Reis nos seus animais, retirando-se por outro caminho, de volta para seus reinos. Também a partir desta data retiram o pequeno berço onde o Deus Menino está deitado, colocando uma imagem de um Menino que tem na mão direita uma esfera azul que representa o mundo. ‘Ele é o Rei do Mundo’ (Araújo, 1964, p. 135).

O autor, porém, ressalva que “os foliões não cantam apenas nas casas onde há presépios, afirmam que ‘em casa de protestante, convidados para cantar, eles irão, se não passam de longe’” (Araújo, 1964, p.135).

A Folia de Reis exige do corpo movimentos, é uma manifestação onde a dança tem seu espaço. A aplicação educativa das danças folclóricas brasileiras foi uma preocupação do trabalho de Maria Amélia Giffoni (1964). A autora entende que

Entre crianças de 3 a 6 anos, o desenvolvimento rítmico, que se inicia com a dança, pode ser auxiliado com exercícios específicos, como; batida de mãos, de pé. Progressões; andar, correr, saltar, girar e outros movimentos destinados a este fim, executados ao som de instrumentos de percussão, piano, palmas, cantos” (Giffoni, 1964, p. 40).

Maria Amélia Corrêa Giffoni formou-se em Educação Física na Universidade de São Paulo e atuou no Ensino Superior em sua área. Ela integrou a Comissão de Folclore da Unesco e representou o Brasil na Grécia, em 1988, no Conclave Universal de Folclore. A autora foi uma das primeiras a incentivar a aplicação dos conhecimentos levantados sobre a coreografia folclórica, do Brasil, em contexto de educação escolar. Em sua obra *Danças folclóricas brasileiras* (Giffoni, 1964) não trata especificamente da Folia de Reis, mas registra diversas danças populares em fotos e convenções sinalizadas, além de partituras musicais, demonstrando verdadeira preocupação com a vivência, em contexto escolar, das manifestações culturais que exploram a dança. Assim, evidencia uma prática educativa que serve de referência ao educador que, interessado nas tradições regionais, pretenda aliar ao seu repertório de movimentos, uma variedade de elementos coreográficos. A Folia de Reis proporciona a utilização do corpo em movimento, concebendo assim a possível utilização do trabalho de Giffoni (1964) como fonte de pesquisa para o aprimoramento e a utilização de

movimentos praticados nas Folias de Reis, tanto em seu deslocamento em cortejo quanto no momento dançado pelos palhaços, dança desenvolvida em áreas livres tal qual as danças folclóricas registradas pela referida autora.

Nova obra de Alceu Maynard de Araújo, dedicada a estudar a cultura popular brasileira surge uma década após a publicação da primeira. Nesta, a partir de sua observação da Folia de Reis de Ubá (MG), pontua que

Os ternos-de-reis, com seu cantochão – acaipirado, percorrem, à noite, quais os reis magos, cantando e pedindo óbolos para a sua festa de Reis. Na cantoria os versos giram em torno destes temas: anunciação, nascimento, estrela-guia, reis magos, adoração, ofertório, agradecimento e despedida (Araújo, 1973, p. 27).

Araújo pontua variações regionais na configuração do grupo folião, informando que em Minas Gerais, o grupo chegava a cerca de 10 pessoas e incluía violas, cavaquinho, rabeca, porta-estandarte, palhaços, “embaixador” ou “capitão da companhia”, enquanto no Rio Grande do Sul identifica a presença de violões, caixa, rabeca e ferrinhos. Também a nomenclatura difere entre as localidades: “santos- reis” (MG), “terno de Reis”, “tiradores-de-reis”, “tiradores”, “bando-de-reis” ou “reses” (RS) (Araújo, 1973, p. 27). No tocante à variação de terminologia, Araújo aponta a implicação da presença ou não da figura do palhaço entre os foliões no termo utilizado para o grupamento: “quando o grupo tem palhaço é chamado Folia de Reis, quando não, é bandeira ou terno de reis” (Araújo, 1973, p. 27). E quanto ao palhaço na Folia de Reis, no contexto por ele estudado, ainda complementa:

Quando nas folias há palhaços, evitam o encontro entre dois grupos porque após a porfia nos cantos, o terno perdedor é obrigado a dar ao vencedor o fardamento, relho, máscaras e até instrumentos. Os palhaços dão rasteiras, rabo-de-arraia, cambapé até tirar o capacete do adversário (Araújo, 1973, p. 27).

As referências ao palhaço na Folia de Reis e seus comentários são singulares e merecem que mais um trecho dedicado a esse pormenor seja transcrito:

A presença do palhaço em algumas Folias de Reis não lhes tira o caráter sagrado do peditório. Nas Folias, a função do Palhaço varia. Não só a função bem como o simbolismo. Nas capixabas eles representam o satanás, daí trajarem-se de vermelho, chapéu cônico, mascarados e o inseparável relho. [...] Já em Minas Gerais, são os representantes de Herodes, seus espias que seguiram os reis e acabaram e acabaram convertendo-se ao cristianismo (Araújo, 1973, p. 27).

A participação efetiva de mulheres como cantadeiras foi ressaltada por (Araújo, 1973, p. 29), ao identificar tal situação em ternos-de-reis em Santa Catarina, como uma exceção dentre as demais manifestações congêneres espalhadas pelo país.

Assim como na obra anteriormente comentada do mesmo autor, nesta também aparece a distinção entre a Folia de Reis de Caixa e a Folia de Reis de Banda de Música. A primeira seria aquela que cumpria a sua jornada percorrendo os sítios e fazendas; a segunda, ora referida como Folia de Banda, ora como Folia de Música, tinha como âmbito de sua atuação a cidade, “sem sair do rocio” (Araújo, 1973, p. 30).

A despeito das variações (regionais ou de outra natureza) envolvendo a configuração do grupo, o instrumental utilizado, a presença ou não do palhaço e o perímetro no qual atuavam em sua região, parece que a definição geral do folguedo apresentada por esse autor reúne alguns elementos essenciais. Assim ele se expressa:

Dois bandos de músicos que saem somente à noite [a partir de 24 de dezembro até 6 de janeiro ou 2 de fevereiro], cantando e louvando o nascimento do Deus Menino e pedindo óbolos. Saem à noite, imitando os Reis magos que viajavam guiados por uma estrela. O grupo destes representantes dos Reis magos é chamado Folia de Reis (Araújo, 1973, p. 30).

Ribeiro (1976, p. 25) traz uma contribuição importante para o trabalho educativo escolar ao afirmar a possibilidade de aproveitamento da cultura de tradição oral, como instrumento da didática. Embora haja um posicionamento divergente por parte do Sociólogo francês Roger Bastide, figura atuante na Faculdade de Filosofia da Universidade Estadual de São Paulo, que afirmou não ter perspectivas positivas quanto a inserção da cultura de tradição oral na escola formal de ensino, prevenindo assim a degradação do caráter espontâneo da tradição pela aculturação, como ressaltou a autora: “Roger Bastide julga que o folclore na escola passará a ser dirigido, o que lhe parece uma insuportável deformação de sua natural espontaneidade” . Diante desta ressalva de Bastide, Ribeiro contornou a situação afirmando ser possível lançar mão da cultura de tradição oral e a partir dela trilhar caminho educativos aos seguintes temas: pedagogia, didática, leitura, canto, educação física, artes, estudos sociais. Ribeiro completa rememorando o legado educativo herdados por nós:

Os jesuítas a aplicaram com extrema sabedoria na catequese, quando se valiam dos cantos, das danças, das estórias para edificação, e dessa lição resultaram até formas folclóricas como o cururu, o sarabaquê, etc. Os autos

jesuíticos aproveitaram as expressões *folk* para a evangelização dos índios. Os santos, os anjos e os demônios que neles apareciam convenciam de modo muito mais direto os curumins do que quaisquer outras lições ou explicações. (Ribeiro, 1976, p. 25)

Os argumentos de Ribeiro enfatizam os benefícios obtidos com o aproveitamento da cultura de tradição oral no trabalho educativo. A autora julgo ser fundamental a inclusão desta obra no estudo da Folia de Reis pelo viés histórico e do contexto de ensino e aprendizagem, em solo brasileiro, entre negros, brancos e selvícolas, pois foi a partir desses contatos que a cultura brasileira inicia seu processo de formação e a Festa de Reis em termos ainda europeus vai tomando contornos de brasilidade, conclui-se que a Folia de Reis está inserida na cultura de tradição oral.

Em, 1977 há o marco de terem surgido os primeiros trabalhos monográficos dedicados com exclusividade ao tema da Folia de Reis: *Folia de Reis*, de Zaíde Maciel de Castro e Aracy do Prado Couto e *A Folia de Reis de Mossâmedes*, de Carlos Rodrigues Brandão.

Castro e Couto (1977) publicaram o seu trabalho no âmbito das ações promovidas pela Campanha em Defesa do Folclore Nacional, que tinha como objetivo promover registros, pesquisas, levantamentos das diversas manifestações folclóricas brasileiras, divulgar as artes e os folguedos populares. O livro foi, inclusive, prefaciado por Renato Almeida, figura-líder da referida Campanha. Trata-se de uma monografia premiada pela Discoteca Municipal de São Paulo, no Concurso Mário de Andrade, de 1955. As autoras enfocam a Folia de Reis na região Metropolitana do Rio de Janeiro, descrevendo-a quanto às suas ações e à sua organização. Almeida destaca em seu Prefácio:

A Folia de Reis, como explicam com clareza e minúcia as Autoras, é um cortejo, com Bandeira, que desfila, mas não representa, entoa cantigas alusivas aos temas hieráticos (religioso- sagrado- solene) do Natal e do dia de Reis. Acompanha a Folia, nela se integrando, os Palhaços, que já foram interpretados como forças de negação, na luta do Bem contra o Mal, o “assunto fio” constante das dramatizações natalinas. Nas Pastorinhas, Satanás é figura obrigatória. E as Autoras justificam o fenômeno, não por ilações eruditas, mas dando o argumento decisivo, que é a versão popular legítima, de que os palhaços têm parte com o “cão”, numa confusão entre Herodes e Satanás. Dirimem assim qualquer dúvida. Esses “palhaços”, com suas máscaras horridas de pele de preguiça, dentes de fora, bigodes caídos e chifres eriçados, numa fantasia que foge a qualquer uniformidade, são grandes dançadores e suas coreografias improvisadas e ágeis, cujas as principais figurações as autoras nos descrevem, elevam alguns deles à condição de magníficos bailarinos, com um virtuosismo de pôr inveja em muito profissional do melhor teor, ao mesmo tempo que aliam ao malabarismo mais audacioso um rigor de movimentos, seja em contorções violentas, seja

em passos de excepcional delicadeza. Claro que não se trata de regra geral e nem todos têm a mesma capacidade, mas numa Folia de Nova Iguaçu, os seus palhaços me deram aquela profunda emoção de euritmia, que é o milagre da dança. São também palhaços e no desfile mantêm, com prodigiosas vis cômica, a alegria dos assistentes, da gurizada em particular. (Almeida *apud* Castro e Couto, 1977, p. 7-9)

Já a Folia de Reis que saía na cidade de Mossâmedes (GO) foi estudada por Brandão (1977). Após detalhadas as origens daquela cidade e a formação de sua população, o autor informa que Troca-tapa é um povoado pertencente ao município de Mossâmedes e é nesse povoado que cumpre sua Jornada a Folia de Reis observada. Esta localidade havia recebido muitos mineiros. No local foi descrito a presença dominante do catolicismo, de uma Assembleia de Deus e de um Centro Espírita. A Folia de Reis é apontada como uma das festas coletivas preferidas da região. A igreja católica, à época, regularizava os festejos do povoado. A Folia de Reis, segundo esse estudo, “é um grupo precatório de cantores e instrumentistas, acompanhados de um “palhaço”, também chamado, em Mossâmedes, de “boneco”. Outras denominações ocorrem ao grupo de foliões como por exemplo Folia de santos Reis, Folia dos Três Reis Santos ou Companhia dos Três Reis Santos e seus integrantes chamados de foliões de Santos Reis” (Brandão, 1977, p. 4).

O trabalho de Augusta (1979) destaca-se pela atenção dada à questão do repertório das manifestações culturais populares, em especial às ligadas à devoção aos Santos Reis. A autora provê quantidade significativa de partituras que registram o repertório levantado. A região da pesquisa foi o Norte fluminense com maior incidência em São João da Barra e Campos. Antes de adentrar especificamente na questão central de seu trabalho – o repertório – o trabalho traz uma reflexão sobre o “sentido extremamente flexível e larguíssimo emprego na região norte fluminense” do termo “reis” como designação de manifestações culturais. Nesse sentido (Augusta, 1979, p. 11) chega a afirmar: “Praticamente tudo na região é reis”, o que inclui: “todas as formas e festividades da tradição popular ou religiosa europeia que nos vieram da gênese portuguesa”. Por outro lado, a pesquisa registra também que

Havia em outros tempos as Foliás de Reis, com músicos vestidos a caráter, em vistosos trajes, com palhaços que eram exímios dançarinos e com pelo menos dois cantores especializados que se alternavam cantando a História Sagrada até o nascimento de Jesus e, às vezes, até Sua Paixão. Tinham um modo inconfundível e inesquecível: cantavam em falsete, arrastando, prolongando e ligando os sons, tornavam as palavras inteligíveis para os não treinados em ouvi-los, num estilo mouresco, lembrando acentuadamente um muezim. (Augusta, 1979, p. 11)

Interessante notar que, em seção dedicada às raízes históricas e culturais dessas manifestações culturais, a autora se vale dos estudos que lhe antecederam, citando as produções já mencionadas no presente trabalho, como as de: Mário de Andrade, Mello Moraes Filho, Luiz da Câmara Cascudo, Oneyda Alvarenga. Além da pesquisa de campo, Augusta demonstra o conhecimento de um corpus bibliográfico que antecede à sua produção e deixa testemunho de que se consolidara até aquele momento uma historiografia sobre o tema.

Ao progredir para a parte específica de sua proposta neste trabalho, Augusta (1979) subdivide o levantamento do repertório em quatro subseções: 1) Reis de porta; 2) Folias de Reis; 3). Pastoris e lapinhas; e 4) Bois.

Augusta (1979, p. 170) discorre sobre as especificidades dos Reis de Portas e das Falias de Reis. Quanto ao número de participantes: Os Reis de Portas apresentam poucos figurantes e suas vestimentas são mais simples, às Folias de Reis exige-se de 15 a 20 participantes para cima e suas vestimentas são mais arrojadas, imitando trajes militares. O tema mais abundante nos Reis de Porta são o das Três Marias enquanto que na Folia de Reis predomina a História Sagrada e o nascimento de Jesus. A Folia de Reis vai cantando pelo caminho enquanto os Reis de Porta se apresenta exclusivamente dentro de casa.

As Pastorinhas não apresentam sentimento devocional como nas Folias de Reis, suas apresentações tem um caráter mais de exibição e brincadeira, onde as crianças e adolescentes tomam maior parte. Os recursos usados na ornamentação são feitos com materiais acessíveis e descartáveis (Augusta, 1979, p. 180). É comum um locutor explicar o desenvolvimento do auto.

O Boi aparece na época do carnaval e diferente dos reisados não está associado a nenhuma data religiosa, embora algumas de suas variações estejam mais próximas de atividades relacionadas às religiões de tradição africanas, no caso do “Boi Laranja” como informa (Augusta, 1979, p. 200).

O repertório dos grupos de Reis registrado pela autora contém diversas cantigas escritas em partitura musical tradicional a uma voz. Na sessão sobre Os Reis de Porta (Augusta, 1979, p. 29) são encontradas as cantigas denominadas *Reis das Três Marias*. Essas canções são realizadas em andamento moderado e ritmo de marcha-rancho. Os versos são improvisados e o enredo muda a canção de acordo com o momento, como, por exemplo: quando a Folia de Reis está diante de uma casa

e pede a entrada, antes da recepção, canta-se uma cantiga das três Marias, após a aparição do anfitrião canta-se um Reis de Entrada, dentro da residência após o lanche canta-se a Retirada, todas essas variações realizam-se sempre sobre o tema das Três Marias. Augusta (1979) usou de entrevista para colher as informações que compõem seu trabalho. O contato pessoal com a Folia de Reis ocorreu fortuitamente “Ana Augusta assistiu a uma, mas não foi possível fazer-lhe a colheita completa” (Augusta, 1979, p. 171).

A obra de Lima e Andrade (1979) chama a atenção para o rigor metodológico da pesquisa. A escola de Folclore em São Paulo é registrada como referência. Nomeia-se a festa assim: é o conjunto de cerimônias rituais, coletivas, de caráter comemorativo, série de atos de significação profana ou religiosa, guardando rituais que envolvem poderes capazes de produzir efeitos, (Lima e Andrade, 1979, p.157). As festas podem ser cíclicas, religiosas fixas e móveis, e cívicas. As cíclicas são periódicas e anuais, que dependem do calendário eclesiástico; religiosa fixas, as que se realizam no dia ou em torno do dia do santo ou orixá; as festas móveis são as dos santos ou orixás que se efetuam em épocas diversas do ano, (Lima e Andrade, 1979, p. 157). Há espalhados pelo Brasil, vários grupos de teatro que se relacionam ao ciclo do Natal: No Sul, as Foliás de Reis ou Santos Reis, com seus palhaços são a maioria (Lima e Andrade, 1979, p. 160). Observa-se que não existe o aprendizado dirigido da cultura erudita no folclore, e, tampouco o comercial ou de consumo das culturas popularescas e de massa, (Lima e Andrade, 1979, p. 6). O autor reporta-se a Mario de Andrade e Oneyda Alvarenga como bibliografia crítica em estudos do folclore brasileiro.

2.2 A Folia de Reis nos estudos mais recentes

A busca no Portal de Periódicos da Capes se deu utilizando as palavras-chave Folia de Reis. Sem nenhum filtro, obtivemos no total 128 arquivos, a interface possibilita observar que dentre estes 81 eram periódicos revisados por pares e de acesso aberto. Foi observado que a base realizava uma busca que recuava ao ano de 1951, após ajustar essa data para o período entre 2013 a 2023, o resultado foi um total de 98 arquivos, sendo periódicos revisados por pares 61. Observou-se que havia arquivos duplicados por conta do idioma, foi selecionado um filtro para selecionar somente os arquivos em português. Utilizando o filtro português o total de arquivos chegou a 32 dentre os quais, somente 18 foram revisados por pares e de acesso

aberto. Desses 18, 2 arquivos estão descritos como “não texto”, todavia, 1 tem relevância, mas só apresenta imagem e 1 apresentam a palavra “fólio” que foi relacionada erroneamente com “folia”, então foi considerado um total de 17 arquivos para ser analisados, cujos dados principais encontram-se listados na tabela 4.

Numa observação mais apurada foram descartados 4 artigos por não contribuírem com a pesquisa, pelos seguintes motivos:

Horta e Carvalho (2019) e Freire (2023) apresentam somente fotografias sobre Folia de Reis.

Santos (2019) apresenta as palavras “fólio e El Rei”, motivo pelo qual apareceu na busca utilizando-se os descritores “Folia de Reis”.

Pontes (2022) apresenta uma breve citação sobre diversas manifestações culturais brasileiras, dentre estas a Folia de Reis, todavia o foco do artigo está na produção artística de Arthur Bispo do Rosário e sua condição como pessoa em sofrimento psíquico.

Os artigos analisados demonstram uma variedade de áreas do conhecimento em que a temática da Folia de Reis está inserida. Apresento um panorama dos treze artigos analisados e suas temáticas.

Tabela 4 – Relação de artigos levantados no Portal Capes sobre Folia de Reis (estudos mais recentes)

ANO	AUTOR	TÍTULO DO ARTIGO
2013	José Luiz dos Anjos	Festa danças e representações continuidade de tradições e plasticidades culturais
2014	Maria Amália Oliveira	Folia de Reis em São João Marcos (RJ): aspectos de uma identidade cultural em um processo de patrimonialização
2014	Wagner Diniz Chaves	Canto voz e presença uma análise do poder da palavra cantada nas folias norte-mineiras
2015	Clediane Nascimento Santos; Rosângela Custódio Cortez Thomaz	Produção do território turístico em região de conflito agrário o caso de Rosana-SP
2016	Ênio José da Costa Brito	Manifestações culturais e religiosas no Norte de Minas dando voz a foliões peregrinos e ancestrais esquecidos
2016	Gilmar Rocha	O verbo e o gesto corporeidade e performance nas Folias de Reis Etnográfica
2016	Rosselvelt José Santos; Carlos Roberto Bernardes Souza Jr	"Já dancei congadas folias e carnavais"
2017	Regina Abreu; Marluce Magno	Desafios na patrimonialização de bens imateriais de caráter religioso o caso das Folias de Reis Fluminenses
2018	Luiz Gustavo Mendel Souza	Prestígio e autoridade em disputa os corpos dos mestres e palhaços na festa do arremate das folias de reis

2018	Rafaela Sales Goulart	Reflexões sobre o sudoeste paulista por intermédio da Folia de Reis de Florínea (SP)
2020	Luiz Gustavo Mendel Souza	Devoção e resistência as táticas dos anfitriões da Folia de Reis na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro
2021	Túlio Martins Oliveira; Gabriela Brito de Lima Silva	Comida e Festas Populares apontamentos sobre o papel da comida na tradição de Folia de Reis na cidade de Mara Rosa/GO
2023	Luiz Gustavo Mendel Souza	“Isso daí tem muita Mironga!” Um estudo sobre atos mágicos na Folia de Reis

Fonte: O autor, 2024.

Anjos (2013) percebe nas Folias de Reis de São João da Barra (ES) que existe uma hibridização, aparentando elementos do congo, do ticumbi e das pastorinhas. Para explicar o nascimento desse novo estilo, o autor se respalda no trabalho do antropólogo argentino Nestor García Canclini, que desenvolve estudo sobre a questão da identidade na América- Latina. De acordo com (Anjos, 2013, p. 21), a Folia de Reis é a manifestação que mais apresenta multiplicidade de expressões, fato causado pela aglutinação de traços culturais de distintas manifestações que se abrigam nos grupos de Folias de Reis. O autor comprova que a Folia de Reis

É a que mais absorve e permite a integração de componentes de outras manifestações culturais já extintas, daí a hipótese de que esse é o motivo de os grupos de Folia de Reis serem mais numerosos na região e contar com distintos atores em seu meio” (Anjos, 2013, p.21).

Por meio dessa absorção e integração, a Folia de Reis possui múltiplos aspectos estéticos traduzidos em diferentes faces de expressões, o que é entendido por (Anjos, 2013, p. 21-22) como “plasticidade cultural”. A plasticidade cultural se opõe à fragilidade cultural, entendida como absorção passiva, e, é seguida da rigidez cultural, fechamento que permite a manutenção e a característica própria. Este artigo sugere que, entre todas as festas, a que mais identifica crianças e adolescentes é a Folia de Reis e que o fato de adultos, adolescentes e crianças atuarem neste folguedo permite uma formação de geração a geração e consolidação de uma identidade.

Oliveira (2014) construiu seu trabalho sobre as memórias de um extinto município chamado São João Marcos (RJ) e da Folia de Reis que nele teve origem. As ruínas de antigas moradias representam uma história viva e vivenciada pelos pais e avós dos componentes da Folia de Reis os Três Reis Magos do Oriente de Mangaratiba -RJ (Oliveira, 2014, p. 124). Nesta pesquisa, a autora observou que, por

diversos momentos, as mudanças em instâncias superiores levaram a população local a ter suas vidas modificadas. Nesse caso, o município foi inundado para expansão do limite da Hidrelétrica. E, como depois de um tempo o limite não foi mantido, reapareceram as ruínas do antigo município. A autora apresenta preocupação com as tomadas de decisões que impactam a vida de outras pessoas, decisões que estão embasadas num paradigma de superioridade, a exemplo dos impactos que causaram as mudanças da geografia local e cultural do contexto por ela estudado. Segundo Cavalcanti (2001) *apud* (Oliveira, 2014, p. 17): “foi abolido nas ciências humanas e sociais o modelo interpretativo que dividia a cultura em duas camadas. Portanto, a cultura é entendida como um veículo de relações humanas, que transpõe limites e que possibilita transitar entre o popular, o erudito e a cultura de massa, por tanto, necessitamos de mais diálogos.

Chaves (2014) tem como foco o canto na Folia de Reis. Como músico, Chaves integrou em 2004 uma equipe de pesquisadores onde desenvolveu a função de consultor do projeto "Instrumentos musicais tradicionais de São Francisco, Minas Gerais" (Chaves, 2014, p.250). A imersão no território contribui para que Chaves tivesse contato com as Folias de Reis locais e, a partir daí, empreendesse uma pesquisa pretendendo estudar o estilo de canto dessas Folias. Os modos de cantar dessas Folias do Norte de Minas caracterizam-se quanto: ao timbre da voz, ao sotaque, ao estilo do canto e ao instrumental usado. Este trabalho também enfatiza as relações identitárias locais envolvidas na Folia de Reis.

Santos e Thomaz (2015) empreenderam pesquisa em Rosana (SP), num território em conflito agrário, a partir do qual identificam que os assentados se constituíam de produtores rurais e de sujeitos que partiam de diversas regiões do Brasil em busca de melhores condições de vida. Atestam que os assentados passaram por adversidades, todavia, preservam frente às dificuldades, seus modos de vida rural, saberes e costumes. A Folia de Reis é uma atração turística regional que cumpre calendário no Circuito Turístico Oeste Rios. Esta Folia é expressão significativa do assentamento Gleba XV de novembro (Santos e Thomaz, 2015, p. 186). A vivência é entendida por territorialidade, no sentido de que “emana do assentamento rural de reforma agrária e refere-se as práticas comunitárias como alternativa de sobrevivências” (Santos e Thomaz, 2015, p. 189). Constatou-se que os foliões tinham esperanças de que o turismo daria mais visibilidade à Folia de Reis, problema que não foi resolvido.

Brito (2016) compartilha considerações, observações e sugestões feitas durante a participação de uma banca de douramento em que participou. O trabalho defendido foi *O devoto folião e a folia divina: música e devoção nas folias católicas em Montes Claros (MG) 2012-1015*, de Luciano Cândido e Sarmiento. O autor (Brito, 2016, p. 1054) ressalta a contribuição de Sarmiento para o resgate, a preservação e a divulgação das memórias religiosas ao acompanhar as Folias de Reis onde estão misturadas as crenças dos europeus com elementos da religiosidade indígena e africana. Pontua sobre a atitude de Sarmiento em ler vários textos sobre Folia de Reis e acompanhar duas Folias, uma urbana e outra rural. Adverte (Brito, 2016, p. 1097) sobre a compreensão redutiva da Teologia e aponta duas razões à advertência. A primeira é que a Teologia não pode ter como segurança um parâmetro ancorado na confessionalidade cristã. A segunda é sobre evitar uma visão apenas militante da teologia. Observa (Brito, 2015, p. 1103) que é “muito positivo, que os sons do Brasil periférico se façam presente no ambiente universitário [...] como um fenômeno vivido e não apenas como um tema de reflexão acadêmica”.

Rocha (2016) registrou o giro da Folia de Reis Estrela Guia, em Paty do Alferes (RJ), durante a festa do Natal de 2013. A visita aconteceu durante o dia e o autor se ateve às dificuldades sobrevividas aos foliões como, cansaço, calor, roupas de tecido sintético, instrumentos pesados e poeira, dentre os infortúnios sofridos que fizeram com que alguns passassem mal. O pesquisador propõe um paralelo com a situação narrada no texto bíblico:

Foi importante ter passado por essa experiência; ela ajudou a desenvolver a percepção dos limites que o corpo enfrenta na missão. E mais, a percepção de que o mito se misturava ao rito também ganhava expressão, pois tornava claro o fato de que a performance ritual, vivida naquele momento, restaurava o drama mítico vivido pelas personagens bíblicas (Rocha, 2016, p. 540).

O giro dura em média 13 dias nas duas semanas que vão do Natal ao dia de Reis (6 de janeiro). Nesse período o corpo ganha notoriedade com gestos e contracena com verbos, assim percebidos nesta pesquisa:

A visita tem como polo a casa, o símbolo é a bandeira, o corpo fica mais estático, o momento é verbal, o ritmo é lento, a ação é a reza e o verbo sobrepõe-se ao gesto, ao passo que: A roda tem como polo a rua, o símbolo é a máscara, o corpo está mais flexível, o momento é gestual, o ritmo é rápido, a ação é brincar e o gesto sobrepõem-se ao verbo (Rocha, 2016, p. 555).

Santos e Souza (2016) preocupados em entender o sentido da festa no bairro Patrimônio, no município de Uberlândia (MG), empreenderam pesquisa pelas quais identificaram a Folia de Reis entre as festas locais. Observaram que, com a instalação dos condomínios, novas regras surgiram e que isso prejudicou as festas promovidas pelas populações negras e de menor poder aquisitivo, gerando um ambiente de tensão entre os novos moradores e os antigos. Historicamente, o Bairro era separado pelo Ribeirão São Pedro, território negro de um lado e branco do outro. Os autores compreendem que “todo ser humano está inserido em um espaço, no qual se vê a possibilidade de construir sua existência” (Santos e Souza, 2016, p. 75). A festa permite ao povo transcender: “na efetivação da festa, os sujeitos têm a virtualidade de transcendência das situações de expropriação e labor vivenciadas no cotidiano. No momento festivo eleva-se ao patamar de soldado, congadeiro, foliões, carnavalesco” (Santos e Souza, 2016, p. 81). O texto narra as dificuldades que a Folia de Reis passa para continuar em seu espaço, e as reclamações do barulho produzido, por parte dos novos vizinhos de classe média. Frente aos problemas apresentados, os autores identificam que a Folia de Reis permanece registrada na memória dos brincantes por meio do resíduo: “O resíduo fica, permanece numa lembrança, numa memória, num saber fazer. Tem-se então o momento em que o resíduo pode ser revivido, reinscrito no fazer social” (Santos e Souza, 2016, p. 81).

Abreu e Magno (2017) apresentam uma discussão sobre a patrimonialização da Folia de Reis como bem imaterial do Estado do Rio de Janeiro. Nessa discussão, destacam-se as figuras das antropólogas Cassia Frade e Patrícia Monte-Mór, que, em junho de 2016, protagonizaram a entrega formal ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) do pedido de Registro da Folia de Reis Fluminense como Patrimônio Cultural do Brasil, tendo a UERJ como proponente.

Souza (2018) traz um relato sobre os comportamentos do mestre e do palhaço da Folia de Reis Nova Flor do Oriente, de São Gonçalo (RJ), em uma festa entre Folia de Reis, chamada festa do Arremate. Neste ambiente os palhaços buscam prender a atenção dos convidados com exhibições que podem tomar proporção de desordem. Preventivamente, o mestre da Folia assume um papel de mantenedor da ordem, contrariando o palhaço. Pela manhã, os palhaços pedem para fazer suas chegadas, que são pedidos de licença em versos rimados, com contos de causos e anedotas. O pesquisador relata:

Os palhaços também praticam “performances” corporais através de cambalhotas, saltos mortais, danças e outros recursos físicos, e, que o destaque maior nas festas do arremate do estado do Rio de Janeiro está nas chulas que tem como elemento principal o palhaço. A capacidade de improvisação é o principal instrumento de conquista de prestígio do palhaço” (Souza, 2018, p. 99).

As chulas dos palhaços são versos de memória baseado em livretos de cordel ou improvisações, são versos cômicos, brincam com o público ou com o dono da casa. Trata-se de disputas públicas pela atenção dos populares podendo redundar em vias de fato Bitter (2010) *apud* (Souza, 2018, p. 99).

Goulart (2018) põe em apreço as memórias de foliões das Folias de Reis de Florínea (SP). Considera a memória individual em relação com a memória coletiva. Em tal aspecto, este artigo se fundamenta na memória coletiva de um grupo de Folia de Reis do sudoeste paulista que se chama Associação Folclórica de Reis Flor do Vale de Florínea. Trata-se de um grupo heterogêneo que atesta sua identidade, fincada nos valores e significados apreendidos por meio da celebração, com o objetivo comum de preservá-la como bem cultural da (e na) cidade de Florínea.

Souza (2020) procura elucidar os mecanismos de negociação e as redes de solidariedades e sociabilidade acionadas pelos devotos anfitriões visando garantir o deslocamento da Folia de Reis durante a madrugada. Assim o autor expressa o seu entendimento de rede:

A rede é o conjunto das pessoas em relação às quais a manutenção de relações interpessoais, de amizade ou de camaradagem, permite conservar e esperar confiança e fidelidade. Mais do que em relação aos que estão fora da rede, em todo caso. A única coisa que falta a priori nessas análises é reconhecer que essa aliança generalizada que constitui as redes, atualmente como nas sociedades arcaicas, só se cria a partir da aposta da dádiva e da confiança (Souza, 2020, p. 11).

O autor apresenta a narrativa de uma saída da Folia de Reis onde ele leva os foliões ao local no seu carro:

Na madrugada em que foi realizado o giro da folia Nova Flor do Oriente, fomos à Chumbada pelo acesso do bairro Galo Branco. Eu havia colocado meu carro à disposição para levar os foliões à casa do finado Fióte. Nesse dia, o número de foliões fez com que eu tivesse que realizar três viagens de carro para levá-los (Souza, 2020, p. 17).

Relata também ter enfrentado situações de perigo nesta comunidade. Todavia, ressalta:

O risco não exclui nem impossibilita o cumprimento da missão sagrada; para o fundamento, o perigo iminente nas peregrinações é complementar e instituidor das narrativas míticas sobre o nascimento do menino Jesus, a Sagrada Família e os Santos Reis (Souza, 2020, p. 18).

Oliveira (2021) tem como foco a gastronomia, que para ele é um forte marcador de resistência indenitária. As Folias de Reis que conhece são do município de Mara Rosa (GO). Buscamos neste texto, especificamente, discutir o papel social e cultural da comida, trazendo à luz a importância da Gastronomia na análise sobre o fenômeno da comensalidade na Folia de Reis.

Sousa (2023) realiza etnografia em uma Folia de Reis da região metropolitana do Rio de Janeiro, onde o mestre da Folia de Reis possui um conhecimento místico relacionado ao livro de São Cipriano. O texto sustenta a oposição entre São Marcos e São Cipriano, entre a magia branca, do bem, e a magia negra do mal (Souza, 2023, p. 55). O pesquisador identificou uma demarcação entre noções mágicas das religiões afro-brasileiras e o catolicismo dentro das Folias de Reis. A máscara é identificada como um objeto de proteção:

A máscara, em seu sentido cósmico, se assemelha a um talismã, um amuleto ou ainda como as carrancas monstruosas de embarcações, objetos que visam afastar espíritos indesejados. Isso se dá através de uma espécie de jogo mimético, no qual mais uma vez a aparência e a interpretação do mundo visível estão em questão (Souza, 2023, p. 57).

3 ENCONTROS COM A FOLIA DE REIS

Esta sessão da monografia será dedicada ao relato de experiência com a Folia de Reis, que é uma manifestação cultural presente no universo das brincadeiras da infância de muitas crianças espalhadas pelo Brasil afora.

Em texto recente (Chaves, 2013, p. 79) constata que o contato com a Folia de Reis na infância auxilia para formação do folião de Reis. Esse processo educativo permite a criança desenvolver um gosto pela cultura regional. De igual modo (Coutinho, 2014, p. 57) relata a experiência do mestre Sebastião Vicente de Moraes, o Mestre Tião, que mantinha em sua casa, na Vila Rosário (Duque de Caixas/RJ), um grupo só de crianças que recebiam seus ensinamentos sobre a Folia de Reis e lições de música, oportunizando, as crianças o contato com elementos constitutivos da música (BNCC, 2018, p. 203), graças às atividades educativas desenvolvidas na Folia de Reis, visando formação de seus agentes, o ensino de música alcança as crianças de menor poder aquisitivo.

3.1 Primeiro contato na infância

O meu primeiro contato com a Folia de Reis se deu aos nove anos de idade, na casa da minha mãe, em Queimados (Baixada Fluminense, RJ), no bairro Parque Flamengo. Lá tinha uma família de mineiros, a família do seu “barbeiro”, que organizava uma Folia de Reis. Um dia bradou a Folia de Reis! O som forte da levada rítmica atraiu a criançada e logo estávamos olhando de longe o cortejo festivo. O cortejo não passava na nossa rua, olhávamos de dentro do quintal o grupo de foliões indo em outra direção.

Ao longo dos dias, reuníamos-nos durante a tarde, na rua, para encenar o espetáculo visto e ainda vivo na memória. Um dos colegas da mesma idade que eu era o organizador da brincadeira e ensinava os toques de bateria, articulava com a meninada as funções de porta bandeira, palhaços, alferes etc. As latas de alumínio serviam como instrumentos de percussão, as telas dos garrafões de vinho serviam para as máscaras e as “coroas” eram enfeitadas com fitas coloridas feitas com sacolas plásticas de mercado, recortadas com tesouras e amarradas na estrutura, assim produzíamos a indumentária.

Conversávamos sobre a função de palhaço de Folia de Reis, que embora seja uma figura que desperte o gosto da criançada, é envolvido em uma mística negativa, tal como, “ter parte com o cão”, ter que cumprir obrigações que, em caso de

descumprimento, resulta em castigos que vão da loucura ao sumiço do infrator. Todavia, a afeição pela figura do palhaço sempre se sobrepôs aos comentários medonhos e a disputa pelo posto de palhaço na brincadeira era acirrada entre os meninos.

Alguns pais não gostavam da brincadeira por isso muitas vezes as reuniões eram, sob protesto das crianças, encerradas pelos adultos. Escondíamos o material produzido no mato para continuar a brincadeira no outro dia. Assim, brincávamos enquanto as peças produzidas estavam ao nosso alcance, pois acontecia delas sumirem ou se estragarem em algum momento.

3.2 Reconstrução de memória da infância na pós-graduação

Em uma atividade proposta pelos professores responsáveis pela disciplina Brincadeiras Cantadas e Jogos Musicais, que faz parte do currículo do Curso de Pós-graduação lato sensu, Especialização em Práticas Musicais na Educação Básica, oferecida pelo Colégio Pedro II (RJ), houve o exercício de reconstrução de memórias da infância. Como minha resposta à esta atividade, relatei justamente a experiência com a Folia de Reis, detalhada no subcapítulo anterior, incluindo também vídeos que estão disponíveis no *Youtube*, com registros de Folias de Reis que cumprem, atualmente, suas jornadas em Queimados⁴ Essa atividade se deu de forma assíncrona pela plataforma Moodle, que é utilizada para operacionalização do curso, que ocorre com 70% de sua carga horária à distância (EaD) e 30% com atividades presenciais. Essa disciplina é uma das que cumprem parte de sua carga horária com atividades presenciais. Num dos sábados previstos para a atividade presencial, os professores trouxeram a sugestão de realizarmos uma vivência utilizando os elementos da Folia de Reis, aproveitando, dessa forma o meu relato para ser explorado com a turma.

Nesse interim, eu havia assistido vários outros vídeos de Folia de Reis acontecendo na cidade em que nasci, o que foi muito gratificante. Por outro lado, fiquei me perguntando por que tinha passado tanto tempo sem um contato positivo com essas memórias? Daí continuei a pesquisar o assunto.

⁴ Um dos referidos vídeos pode ser acessado pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=4X2uVvYLaOZc&feature=youtu.be>. O outro não está mais disponível.

Na aula presencial, construímos os adereços necessários – máscaras, bastão, bandeira e fitas coloridas para a roupa – com materiais simples. Realizamos um pequeno cortejo, acompanhados ao violão pelo professor Ronaldo. Nessa atividade, notei que entre os alunos da turma havia aqueles que nunca tinham brincado antes de Folia de Reis. Foi, então, que comecei a pensar na proposta de pesquisar a tradição em destaque e relacioná-la à Educação Básica.

3.3 A Folia de Reis Jornada Os Doze Apóstolos de Cristo

A Folia de Reis Os Doze Apóstolos de Cristo surgiu em 2016. A sede da Folia fica na Rua Jessé, nº 84, no bairro Cidade de Deus (Zona Oeste do Rio de Janeiro). Ela é remanescente de uma outra Folia que se chamava Os Três Reis do Oriente. Esse mestre contou durante muitos anos com a parceria de um palhaço, que começou nessa função com sete anos e após a morte do mestre e por causa do forte vínculo com ele, ficou incumbido de dar continuidade à tradição de Folia de Reis dentro da Cidade de Deus. Ele me contou que a Jornada também tem a proposta de prevenir as crianças da comunidade em relação ao tráfico de drogas, dando a elas uma opção de educação por meio da cultura de tradição oral.

3.3.1. Um encontro fortuito

No sábado 23/11/2023, encontrei, no BRT, um grupo de jovens e adolescentes que iam visitar uma Folia de Reis. Usavam uma camisa verde e branca com os dizeres “Folia de Reis” e uma foto da Última Ceia (ver figura 3). Foi quando conheci o Mestre da Folia de Reis Jornada Os Doze Apóstolos de Cristo. Em conversa com ele, comentei que era de Queimados e que lá apareciam muitas Folias, sendo esse o motivo pelo que havia me interessado em conversar com ele. Ele respondeu dizendo que iria a Queimados, na festa de Natal, e completou com o verso: “vamos sim...” e emendou, mudando o tom da voz, para declamar, com o verso seguinte:

[Em tom de declamação] Se Deus quiser/ os Três Reis do Oriente/ Mártir São Sebastião que o Divino Espírito Santo possa lhe dar proteção/ e muito obrigado pela oferta que ofertou a nossa bandeira/ não só a “nosco” nela você depositou a sua fé verdadeira/ Nela tu pede com fé em nome do Onipotente/ vós será abençoado pelos Reis do Oriente/ Vou pedir nela lá com fé sabedoria pro senhor iluminar toda tua família. (Verso do Mestre Davi Paranhos Peixoto, 2023)

Na ocasião, foi um verso de despedida. Então, trocamos contatos e o grupo desembarcou.

A logomarca que estava estampada nas camisas dos componentes pode ser vista na Figura 3.

**Figura 3 – Logomarca usada na Camisa da Farda da Folia de Reis
Jornada Os Doze Apóstolos de Cristo**



Fonte: Acervo do Autor, 2024.

3.3.2 A visita à sede

A primeira visita foi agendada para um sábado dia 2/12/2023, às 14h, na sede. Cheguei na Cidade de Deus e esperei uma companhia para entrar na comunidade, conforme combinado previamente por ligação telefônica. Logo chegou um menino uniformizado com a camisa da Folia e me acompanhou até a sede. Na sede, encontrei todos os componentes da Jornada Os Doze Apóstolos de Cristo reunidos em uma sala pequena que é o local, do prédio de dois andares, destinado para uso da Folia.

Nesta sala, sobre uma mesa, estava a Bandeira, uma Bíblia, uma vela acesa, um terço, um copo com água e dois instrumentos (ver Figura 4).

O mestre me apresenta ao grupo que me deseja, boas-vindas! Seguem-se os avisos sobre os próximos compromissos, realiza-se uma checagem nos instrumentos, uma oração do Pai Nosso seguido de Ave Maria, presta-se reverência à bandeira.

No momento dessa reverência, todos são convidados a prestar as suas homenagens, que em geral basta se aproximar e se curvar um pouco. Outros pegam as fitinhas coloridas e levam até a boca, como se a beijassem. Os fantasiados devem se aproximar de joelhos, nesse caso sem a máscara. Em seguida o mestre toca o apita para começar o ensaio.

Figura 4 – Bandeira e demais elementos presentes



Fonte: O autor, 2024.

De posse de um cavaquinho, o mestre “puxa” a canção *Somos os Doze apóstolos de Cristo*. Trata-se de uma versão da música *Move as Águas* (Comunidade Cristã de Goiânia). Realizei a transcrição musical desta versão, a qual pode ser vista na Figura 5.

O repertório da Folia é diversificado. Os foliões usam músicas católicas e evangélicas que são entoadas durante as jornadas⁵, visitas⁶ e nos giros⁷. Já nos momentos de descontração, preferem os pagodes e sambas. As canções evangélicas que escutei são executadas com letras adaptadas ao universo da Jornada. As canções católicas são executadas com raras alterações, geralmente mudando o nome do Santo homenageado. A execução desse repertório se dá com a percussão realizando as levadas rítmicas de funk, ijexá e marcha para o acompanhamento. Em ambientes internos tende-se a executar utilizando andamentos mais lentos e em ambientes externos mais rápidos.

Figura 5 – Transcrição da música *Os Doze Apóstolos* (versão de *Move as Águas*, da Comunidade Evangélica de Goiânia, pelo Mestre da Folia de Reis Jornada Os Doze Apóstolos de Cristo)

Os Doze Apóstolos de Cristo

Letra: Davi Paranhos Peixoto

Melodia Original: Move as Águas (Cominidade Evangélica de Goiânia)

Je sus Cris to.eu es co lhi do ze_A pós to lo,a se guir eu fui

4
um do es colhi dos por isso es tou a aqui so mos do zea pos to lo de

8
Cris to so mos do zea pos to lo de Cris to

Fonte: O autor, 2024.

⁵ Ciclo Anual, iniciado na noite do dia 24 de dezembro (Chaves, 2013, p. 108)

⁶ A visita na Folia de Reis significa a realização de vários ritos na casa do anfitrião, começando e terminando na casa do mestre (Chaves, 2013, p. 109)

⁷ Um giro de folia costuma ser encerrado no dia do santo em questão. Por exemplo: 19 de março, no caso de uma folia de São José; 6 de janeiro, para as folias de Santos Reis, (Chaves, 2021, p. 3)

O grupo que compõe a Folia Jornada Os Doze Apóstolos de Cristo é formado majoritariamente por parentes do Mestre. A diretora é sua mãe. A bandeireira é sua esposa. Os irmãos e sobrinhos são palhaços. O mestre de bateria é seu primo. As musicistas são suas irmãs, a enteada e seus sobrinhos. Das onze pessoas que estavam tocando, oito são mulheres e quatro homens. As mulheres são responsáveis pela maior parte das funções dentro dessa Folia.

Na tabela a seguir, a formação do conjunto instrumental desta Folia:

Tabela 5 – Formação do conjunto instrumental da Folia de Reis Jornada Os Doze Apóstolos de Cristo

Instrumento	Gênero	Quantidade	Dimensão
Caixa tarol	M	1	10x14”
Caixa malacacheta	M/F	4	20X 12”
Caixas de guerra	M	2	15x14”
Bumbo	M/F	2	18x30
Repique	M	2	12x30
Pandeiro	M/F	1	Nylon
Reco-Reco	F	1	Três molas
Cavaquinho	M	1	Elemento Cenográfico

Fonte: O autor, 2024.

Os mascarados (palhaços) só circulam em lugar aberto, ao ar livre, como também podem ficar sem a máscara em momentos de descanso, quando entram nos espaços para se alimentar. Só entram no quintal com a permissão do anfitrião, para isso recitam versos de licença.

3.4. A participação num cortejo

O mestre da Folia de Reis participa de um grupo de mensagem instantânea (WhatsApp) por onde os mestres se comunicam e organizam suas agendas. Assim, como também há um grupo, no mesmo aplicativo mencionado acima, da Folia de Reis Os Doze Apóstolos de Cristo, em que eu fui inserido. De posse dos avisos me dirigi para a sede da Folia, na noite de domingo, 14 de janeiro de 2024. Cheguei na Cidade de Deus as 19hs, no mesmo instante que um temporal inundava a rua. O encontro estava marcado para as 21hs. Como eu estava duas 2hs adiantado me abriguei em uma marquise até que chegasse a hora de eu ir para a sede. O pai do mestre tem um bar na entrada da rua Jessé, o que serve para mim de alento, porque sempre posso

me certificar se está tudo bem antes de entrar na comunidade. Às 21hs fui para a sede, onde o grupo foi se encorpando, e às 23hs saímos em direção ao Terminal Rodoviário Américo Fontenelle (Central do Brasil). Quando chegamos já era por volta de 00:30h e não tinha mais condução para Piabetá. O mestre, então, conseguiu fretar uma Kombi para levar a Folia até a região onde se realizaria o giro. A noite estava chuvosa, por isso o veículo, muito cheio, com aproximadamente 18 pessoas, realizou o trajeto vagarosamente. Chegamos em Piabetá por volta das 3h da madrugada. Foi feito contato com um mestre de Folia de Reis que veio buscar o nosso grupo. Caminhamos uns 20 minutos a pé, e em silêncio acompanhado pelo mestre da Folia de Piabetá (Reisado Luz do Oriente). Num determinado ponto esperamos até que este mestre desse o sinal para a Folia da Cidade de Deus começasse a tocar. Eram cinco da manhã quando o sinal foi dado por alguém da moradia. O grupamento se organizou em fila e seguiu a marcha como de costume. Nesse giro, eu já tinha sido promovido a caixeiro. A bandeireira vai na frente levando o pavilhão, os palhaços sempre brincando ao redor do cortejo. Em frente à residência, o grupo se aglutina, entoando as saudações e pedidas de acolhida. Após boa exposição, o anfitrião ou anfitriã recebe a bandeira nas mãos e entra na casa conduzindo-a até a sala. São entoados cânticos de louvação aos Reis Magos, cânticos que falam do nascimento do menino Jesus. Depois são rezados Um Pai Nosso e uma Ave Maria, e, segue um momento de descenso, lanches são servidos com bolo, empadão, refrigerante. Depois desse momento de recomposição, o mestre reúne o grupo e mais cantorias são entoadas agradecendo a acolhida e desejando proteção. Nesse momento são depositadas ofertas nas bandeiras, geralmente cédulas presas por alfinete. O anfitrião, de posse da bandeira, presta suas homenagens a ela e convida os seus familiares a fazerem o mesmo. Após recebidas todas as homenagens, o anfitrião ou anfitriã entrega a bandeira de volta para a bandeireira, que a toma e vai se retirando do recinto sempre de costas. Cada integrante reproduz os mesmos gestos até que todos deixem as dependências da casa. Do lado de fora, o mestre encerra essa cantoria pela aproximação do palhaço, que de longe observa, sabendo o momento de se aproximar. Com o palhaço próximo, o mestre soa o apito final do ato. Passados uns minutos, tempo para a bandeireira se organizar em outro local e os músicos descansarem, o mestre dá o sinal para começar a chula dos palhaços, um ato mais brincante. O palhaço entre em cena e é ele quem incentiva a bateria, pede mais volume de som, pede maior velocidade, executa cambalhotas e, não satisfeito, faz gesto que

interrompe a música. Recita versos de desafios, elogios, conta anedotas e peripécias. Novo gesto e a bateria começa a tocar a marcha que cada vez fica mais rápida e forte. A bateria divide o protagonismo com o palhaço, quando ele descansa após realizar sequências de saltos ou de versos. Há solos de naipes – uma vez vão as caixas, noutra vez o bumbo ou o tarol. Essa etapa se encerra com as viradas de solos de bumbo ou tarol, que segue para um ritmo mais lento, ao se estabelecer a marcha mais lenta, a bandeireira se posiciona à frente da Folia. A Folia segue. O seu próximo destino será uma outra casa pronta a recebê-la ou a sede da Folia que a convidou ou o encerramento da jornada.

3.5 A Folia De Reis por definição

A Folia de Reis é um grupo coreográfico-musical-religioso, também conhecido como Terno-de-Reis ou Santos-Reis (Marcondes, 1988, p. 296). Ela é uma prática do catolicismo popular que se evidencia devido a diversos elementos como pode se notar nos trajes, nas orações, no repertório, no sincretismo religioso. Os devotos, a exemplo dos Magos do Oriente, põem-se em trânsito em busca de um local onde louvam o menino Jesus, assim como também, durante o trajeto, anunciando a presença do menino Deus no mundo. No interior das casas, a Folia de Reis realiza uma atividade de fervor espiritual com rezas, cantos de agradecimentos e louvação aos Reis Magos, por isso, mais voltada aos adultos. Enquanto isso, os palhaços aguardam do lado de fora, aproveitando o momento para dar carreira em alguns, como Pique-Pega.

O momento denominado pouso caracteriza-se pelas cantorias de chegada, passando por vários atos até a despedida, quando então, a companhia segue para uma nova jornada. Os grupos de Foliás de Reis saem entre 24 de dezembro a 06 de janeiro. Na região metropolitana do Rio de Janeiro as folias de Reis saem a partir do dia 07 de janeiro, com uma fita vermelha, reverenciando a São Sebastião. Então, a folia canta para o Mártir São Sebastião até 20 de janeiro, dia do santo padroeiro da cidade. Em se tratando do catolicismo popular, há folia para diversos santos, assim, o calendário persiste todo o ano com várias folias, sendo que a primeira delas é a de Santos Reis, como afirma (Chaves, 2021, p. 3): “São Sebastião, em janeiro; São José, em março; Bom Jesus, em agosto; Nossa Senhora Aparecida, em outubro; Santa Luzia, em dezembro”.

A Folia de Reis faz uma interpretação sobre o texto bíblico, a respeito do nascimento de Jesus Cristo e o encontro com os magos, que ressaltam algumas nuances das relações entre europeus, africanos e povos nativos. Desse encontro há, na literatura Histórica, reminiscências da força que a organização popular exerce no cenário nacional, cotidianamente e em festas, autos e brincadeiras a exemplo de um exercício de cidadania, de acordo com Morais Filho:

A política que, não sendo exercida por individualidades culminantes, é ofício de vadios, não observe essa gigante de cem faces, que vive porque combate, que não morre porque é de uma complexidade que se regenera no tempo, no clima e na ação. Em qualquer dos estados, a crença tem para o povo estrelas que o iluminam, horizontes que se abrem em alas, grinaldas de primavera que lhe perfumam e ensombram a frente nas calmarias da existência. Dos dias que falamos são sucedâneos aqueles em que a pátria comemora os seus feitos, relembra as suas glórias. (Morais Filho, 1979, p. 59)

A devoção aos três reis magos tem como texto principal o capítulo dois do livro de Mateus da Bíblia Cristã (Bíblia, 2014, p. 1104), onde há a narrativa em que os magos do oriente tinham a informação do local onde nasceria o Menino Deus. A revelação e a estrela guiaram aos magos, os quais, depois de vários dias de peregrinação, chegaram ao local onde conseguiram encontrar e adorar o recém-nascido Jesus Cristo. Nessa visita, ofertaram à família de Jesus Cristo bens preciosos. Ocuparam-se desta narrativa os seguintes autores, (Sertã e Almeida ,2016, p. 1), (Brandão,1981, p. 09) e (Chaves, 2013, p. 13), a partir da qual chamam a atenção para este “modelo social de ação” praticado na Folia de Reis, que remete a uma prática das sociedades isoladas da Polinésia, onde a tríplice obrigação de dar, receber e retribuir afirma-se no grupo como um princípio comum de trocas onde circulam várias modalidades de bens. Eles concordam que essas trocas são responsáveis pela manutenção da Folia de Reis e que é por meio desse mecanismo de manutenção que a festa de Reis permanece viva até hoje em várias regiões do Brasil, de igual modo (Canclini, 2008, p. 33) apoia a importância da escola interagir com a cultura de tradição oral.

Em muitos casos, como observado por (Chaves, 2013, p. 39), a tradição familiar é responsável pela manutenção das folias de Reis. Porém, outros mecanismos surgiram ao longo dos anos para auxiliar as folias de Reis e Reisados, como é o caso do Edital de Premiação e Credenciamento promovido pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa e o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, que

disponibilizam recursos para financiar as folias de Reis. Essa é uma iniciativa que possibilita que esses grupos continuem suas atividades e mantenham as jornadas em território como sítios, localidades rurais, pequenas cidades e nas comunidades, uma vez que a manutenção financeira do grupo cabe ao mestre por meio do apoio de amigos e parentes, mas em muitas situações a quantia arrecada não é o suficiente para cobrir os gastos, inviabilizando a saída da Folia.

Autores como (Vitorino e Freitas, 2013, p. 115) constataram que a presença da Folia de Reis no ambiente urbano é menor, por isso as ações de incentivo são importantes para formar novos integrantes. Por ações de incentivo, quero dizer a criação de condições favoráveis para a circulação das Folia de Reis em regiões onde não é comum sua presença, como acontecia no passado e estão registrados na Revista Brasileira de Folclore (1963):

Com o objetivo de integrar o folclore junto à população, promoveu a Campanha de Defesa do Folclore, no fim do ano a apresentação de Pastorinhas e Folias de Reis, em logradouros públicos na Guanabara. Participaram os seguintes grupos: Pastorinhas do Egito, do Morro de São Carlos, na Praça Serzedelo Correia (Copacabana) e na Cinelândia; Pastorinhas dos Campos Divinos, de Coelho Neto, na Praça Nossa Senhora da Paz (Ipanema); Folia de Reis Estrela D'Alva, no Méier e Madureira; Folia de Reis Estrela do Oriente do Leblon, na Cinelândia; Folia de Reis Paz e Amor, de Mesquita, em Nova Iguaçu-RJ. (RBF, 1963, p. 55)

As Folias de Reis circulam entre o interior do estado e as regiões da Baixada Fluminense ou comunidades cariocas e menos em logradouros públicos da Zona Sul da cidade. Nessa perspectiva, o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, valendo-se das recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que propõem o trabalho com os Temas Transversais, especificamente o da Pluralidade Cultural (PCN, 1998, p. 115), desenvolveu um projeto denominado Educação para o Patrimônio Cultural. Por meio das ações educativas deste projeto promove-se o conhecimento e divulgação do Patrimônio Cultural Fluminense.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, em sua estrutura funcional, permite ao educador trabalhar com temas que aludem à cultura popular brasileira, como é o caso da Folia de Reis. Em escolas localizadas em regiões com pouca incidência de reisados, o trabalho educativo com essa temática cultural é importante para oportunizar, aos estudantes, condições mínimas de conhecer um pouco mais do Brasil na perspectiva da sua pluralidade cultural. Para que se desenvolva em sala de aula o aprendizado sobre a cultura brasileira, a diversidade das histórias de vida de cada grupo étnico que compõe a comunidade escolar precisa ser contemplada como um direito de expressar, mesmo que parcialmente, sua visão de mundo. A escuta de diferentes narrativas que expliquem as diversas manifestações da vida, da cultura, das famílias, das pessoas, também caracteriza impreterivelmente o espaço escolar como um ambiente socializador.

Na Base Nacional Comum Curricular estão expressas as competências gerais da Educação Básica para a formação cidadã nos diversos níveis (Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio). Das dez competências ali expressas, enfatizamos a que informa o quanto importante é “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2018, p. 9). Neste ponto, evidencia-se a postura abrangente da educação escolar no tocante ao ensino de Arte e valorização da cultura local.

A Constituição Federal, em seu artigo 5º, nos parágrafos IV e IX, diz que: “é inviolável a liberdade de consciência e de crença; é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação” (Brasil, 1988, p. 122).

Ribeiro (1976), discorrendo sobre a importância das manifestações culturais para a formação cidadã e os desdobramentos do contato com a cultura local na formação dos jovens, ressalta:

Além das vantagens da aprendizagem, de ligação do homem à terra pela aproximação do aluno com o verdadeiro espírito nacional que vivifica as formas folclóricas, o Folclore projeta ainda uma luz na mentalidade jovem, despertando vocações artísticas para a poesia, música e artes plásticas (Ribeiro, 1976, p. 24).

Em vista das modalidades artísticas enunciadas, evidencia-se a importância do contato com a manifestação cultural que se quer estudar em uma proposta de aula. A

Folia de Reis é uma manifestação cultural representativa da diversidade cultural do Brasil, como um dos folguedos populares do ciclo natalino que compõem a cultura popular de tradição oral. A escola pode não apenas incentivar o conhecimento desta manifestação como incentivar a sua vivência. O ensino de uma manifestação cultural na escola ativa na criança o sentimento de pertencimento. Neste sentido, Barbosa (2019) afirma:

Privar os alunos do conhecimento de algo que lhes amplie as chances de entender a realidade à qual chegaram e que herdarão como adultos para também por ela zelar e transformar é, no mínimo, uma atitude injusta. (Barbosa, 2019, p. 56).

Além do cortejo propriamente dito, as estratégias para aproximar a comunidade escolar deste folguedo podem envolver uma exposição, feira de tradições culturais ou outra do tipo. A vivência da Folia de Reis na escola possibilitará conhecer as suas origens, as motivações de sua realização e que as pessoas que estão envolvidas nessa tradição são dignas de respeito e admiração porque estão dando continuidade a uma herança dos seus antepassados.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; MAGNO, Marluce. Desafios na patrimonialização de bens imateriais de caráter religioso: o caso das Folias de Reis Fluminenses. *Religião & Sociedade*. Online. v. 37, n. 3, p. 18-45. 2017.
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/zV6BfvqzSwkcYwyJQPsGByn/#>. Acesso em: 16 mai. 2024.
- ALVARENGA, Oneyda. *Música popular brasileira*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1950.
- ANDRADE, Mario de. Origens das danças-dramáticas brasileiras. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro. v. 1, n. 1, p. 33-39, 1935. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=BibDigENM2&pasta=Revista%20Brasileira%20de%20Musica%5CMarco%201935&pesq=&pagfis=861>. Acesso em: 16 mai. 2024.
- ANDRADE, Mário de. *Danças Dramáticas do Brasil*. I Tomo. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959. (Coleção: Obras Completas de Mario de Andrade).
- ANDRADE, Mário de. *Dicionário Musical Brasileiro*. Coordenação.; Oneyda Alvarenga, Flávia Camargo Toni. Belo Horizonte: Itatiaia; [Brasília, DF]: Ministério da Cultura; São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1989.
- ANJOS, José Luiz dos. Festa, danças e representações: continuidade de tradições e plasticidades culturais. *Movimento: Revista de Educação Física*. UFRGS, v. 19, n. 3, p. 11-30. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/36533>. Acesso em: 16 mai. 2024.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore nacional: festas, bailados, mitos e lendas*. v. I. Rio de Janeiro: Ed: Melhoramentos, 1964.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Cultura popular brasileira*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1973.
- AUGUSTA, Anna. *Cantigas de Reis e outros cantares*. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Educação e Cultura, Instituto Estadual do Livro: INELIVRO. 1979.
- BARBOSA, Mário Alexandre Dantas. História da Música Brasileira na Educação Básica: desafio intelectual, exercício pedagógico e responsabilidade política do educador musical. *Revista Brasileira de Música*. Rio de Janeiro, v. 32, n.1, p. 47-59, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/issue/view/1251>. Acesso em: 11 set. 2024.
- BARROS, Roque Spencer Maciel de. Fundamentos da Educação. In: *Estrutura e Funcionamento da Educação Básica*. São Paulo. Pioneira, 1998. p. 21-35.
- BENNETT, Roy. *Uma breve história da música*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A folia de Reis de Mossâmedes*. Cadernos do folclore, n. 20, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.

BRASIL Ministério da Educação e Cultura *Revista brasileira de folclore: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 1, n.5, p. 55,1963. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=140171&pagfis=502>. Acesso em: 12 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Culturais. Programa de ação cultural. Campanha de defesa do folclore brasileiro. *Relatório de atividades*. Rio de Janeiro, p. 70-102. 1974.

Disponível em:

<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=memoriadefesafolclore&id=1042406721918&pagfis=3919>. Acesso em: 27 fev. 2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC /SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular: educação é a base*. Brasília: MEC/SEF, 2018.

Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 27 jun. 2024.

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter Educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2001. Disponível em:

https://www.google.com.br/books/edition/Koellreutter_educador/b0qfDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 11 jun. 2024.

BRITO, Ênio José da Costa. Manifestações culturais e religiosas no Norte de Minas: dando voz a foliões, peregrinos e ancestrais esquecidos. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 14, n. 43, p. 1093-1124, 30 set. 2016.

Disponível em:

<https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2016v14n43p1093>. Acesso em: 16 mai. 2024.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CASTRO, Zaíde Maciel de; COUTO, Aracy do Prado. *Folias de reis*. Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, Fundação Nacional de Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Melhoramentos, INL, 1979.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: INL, vol. 1, 1962.

CÂMARA MUNICIPAL DE NATAL: *Memorial Legislativo*. Forte dos Reis Magos, RN, 2024. Disponível em: <https://memorial.cmnat.rn.gov.br/forte-dos-reis-magos/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. *Na jornada de Santos Reis: conhecimento, ritual e poder na folia do Tachico*. Maceió: Edufal. 2013.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. Canto, voz e presença: uma análise do poder da palavra cantada nas folias norte-mineiras. *Mana - Estudos de Antropologia Social*, v. 20, n. 2, p. 249-280. 2014a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/NtccTwrVbTfRw4DVHRnRBNs/?lang=pt>. Acesso em: 27 fev. 2024.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. Em busca do limiar sonoro: gestos, sons e riscos na afinação das Folias. *Revista de Antropologia*. São Paulo, Online. v. 64 n. 2. USP, 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/186654/173573>. Acesso em: 11 set. 2024.

COUTINHO, Delzimar. Patrimônio Imaterial Fluminense: variedade e riqueza. In: Patrimônio Cultural: *Educação para o Patrimônio Cultural*. Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, 2014, p.102. II Títulos.
Link: <http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/acervo/exibir/20/0>
Acesso: 22 abr. 2024

DOS SANTOS, Rogéria Olimpio. *Entre o registro e a imagem. O Álbum das antigualhas de Francisco de Holanda*. Figura: Studies on the Classical Tradition, Campinas, SP, v. 5, n. 2, p. 75–105, 2019.
Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/figura/article/view/9978>. Acesso em: 27 jun. 2024.

DUTRA, Adriana da Rocha Silva; SANCHES, Diego Bonan; EMERICH, Luís Mateus Siqueira. Identidade cultural e turismo: uma proposta para as Folias de Reis de Nova Friburgo/RJ. *Centro Federal de Educação Tecnológica*. Nova Friburgo. 2012.
Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/4556>. Acesso em: 11 set. 2024.

FOLIA DE REIS EM QUEIMADOS- Rio de Janeiro. Produtor: Kaike. Queimados-Rj: You Tube, 2017. Vídeo (12: 28 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4X2uVyLaOZc>. Acesso em: 12 set. 2024.

FREIRE, Ralyanara Moreira. Materialidades e preces no Sertão Cerrado. *Proa: Revista de Antropologia e Arte*, Campinas, SP, v. 8, n. 2, p. 120–137, 2023.
Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/17590>. Acesso em: 27 jun. 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Método de Pesquisa*. Porto Alegre: 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 fev. 2024.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. *Danças Folclóricas Brasileiras: e suas aplicações educativas*. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

GOULART, Rafaela Sales. Reflexões sobre o sudoeste paulista por intermédio da Folia de Reis de Florínea (SP). *Revista Confluências Culturais*, v. 7, n. 1, p. 94–107, 2018. Disponível em: <https://periodicos.univille.br/RCC/article/view/251>. Acesso em: 16 mai. 2024.

HORTA, Ana Paula Santos. CARVALHO, Bruna. Palhaços de folias de reis e a continuidade geracional dos rituais. Ensaio Visual. *Proa: Revista de Antropologia e Arte* 2019-01, vol.2 (8), p. 109-119. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/17589>. Acesso em: 27 jun. 2024.

HORTÉLIO, Lydia. Música Tradicional da Infância: [Entrevista cedida a] Dulcemarta Lemos Lino. Música e Educação: poéticas da escuta. *Reflexão e Ação*, v. 22, n. 1, jan-jun-2014. p. 273. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/issue/view/225>. Acesso em: 04 jan. 2024.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4184246/mod_resource/content/0/homo_ludens_huizinga.pdf. Acesso em: 11 set. 2024.

LIMA, Rossini Tavares de; ANDRADE, Julieta de. *Escola de Folclore*. São Paulo: Editorial livramento, 1979.

MARCONDES, Marcos Antônio (org.). *Enciclopédia da música brasileira: erudita, folclórica e popular*. 2. ed. ampliada. São Paulo: Art. Editora, 1988.

MATEUS, cap. 2. *A visita dos magos*. In Bíblia Thompson. São Paulo: Editora Vida, 2014. p. 1104-1105.

MORAES FILHO, Mello. *Festas e tradições populares do Brasil*. Prefácio de Sílvio Romero. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo, 1979. (Coleção Reconquista do Brasil. v. 55).

OLIVEIRA FILHO, Arthur Loureiro de. *500 anos da música popular brasileira*. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Cultura, Museu da Imagem e do Som, 2001.

OLIVEIRA, Maria Amália. Folia de Reis em São João Marcos (RJ): Aspectos de uma identidade cultural em um processo de patrimonialização. *E-Cadernos CES* [online], n. 21, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1791>. Acesso em: 16 set. 2024.

OLIVEIRA, T. M.; SILVA, G. B. L. Comida e Festas Populares: apontamentos sobre o papel da comida na tradição de Folia de Reis na cidade de Mara Rosa/GO. *Revista Brasileira de Gastronomia*, Florianópolis, v.4, 2021, p.01-13. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/349443283_Food_and_Popular_Parties_notes_about_the_role_of_food_in_the_tradition_of_Folia_de_Reis_in_the_city_of_Mara_RosaGO Acesso em: 16 mai. 2024.

PONTES, A. C. P. A linha, o manto, o cravo, o barco, o arco, a flecha, a lança, a flor, a máscara e a cabeça: a matéria enquanto gesto poético-performático ancestre. *Téssera*, v. 4, n. 1, p. 10–24, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/tessera/article/view/63532>. Acesso em: 27 jun. 2024.

RIBEIRO, Maria de Lurdes Borges. *O folclore na escola*. Cadernos de Folclore n. 5. Fundação Nacional de Artes, 1976.

ROCHA, Gilmar. O verbo e o gesto: corporeidade e performance nas Foliás de Reis. Etnográfica: *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, [online]. v. 20, n. 3, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/4658>. Acesso em: 16 mai. 2024.

SANTOS, Clediane Nascimento; THOMAZ, Rosângela Custódio Cortez. Produção do território turístico em região de conflito agrário: o caso de Rosana-SP. *Geosaberes*, Fortaleza, v. 1, p. 184 - 191, julho de 2015. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes>. Acesso em: 16 mai. 2024.

SANTOS, Rosselvelt José; SOUZA JÚNIOR, Carlos Roberto Bernardes: "Já dancei congadas, foliás e carnavais": a festa na condição de resíduo e ato territorial no bairro patrimônio em Uberlândia-MG. *Acta Scientiarum: Revista de Ciências Humanas e Sociais*, Maringá, v.38, n.1, p. 73-84, jan-jun, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci> Acesso em: 16 mai. 2024.

SILVA, Affonso M. Furtado da. *Reis Magos: história, arte, tradições: fontes e referências*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2006.

SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. Devoção e resistência: as táticas dos anfitriões da Folia de Reis na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. *Revista de Antropologia: FFLCH/USP*. São Paulo, [Online], v. 63 n. 3, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/178857>. Acesso em: 11 set. 2024.

SOUZA, Sérgio Linhares Miguel de; Carvalho, Evandro Luiz de. *Patrimônio Cultural: educação para o patrimônio cultural*. 1. ed. Rio de Janeiro: SEC/INEPC, 2014. Disponível em: <http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/acervo/exibir/20/0>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SOUZA, Rosi; ZIMERER, Fabiane; ZORDAN, Ana Rita. Reis de boi: influência portuguesa na cultura popular brasileira. *European Review of Artistic Studies: Estudos Interdisciplinares*. V. 6, n. 3, 2015, jan-jun, p. 45-66. Disponível em: <https://eras.mundis.pt/index.php/eras/issue/archive/2>. Acesso em: 19 jan. 2024.

SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. Prestígio e autoridade em disputa: os corpos dos mestres e palhaços na festa do arremate das folias de reis. *Proa: Revista de Antropologia e Arte*, Campinas, SP, v. 8, n. 2, 2018, p. 88–108.

Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/17588>

Acesso em: 16 mai. 2024.

SOUZA, L. G. M. “Isso daí tem muita Mironga!” Um estudo sobre atos mágicos na Folia de Reis. *Religião & Sociedade*, v. 43, n. 2, p. 39–59, jun. 2023.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/g3V5cd3jG85thC9CZQsqVYs/?lang=pt>.

Acesso em: 16 mai. 2024

TOMICCH, Ana Luiza Lemos. *Lydia Hortélio, uma menina do Sertão: educação musical na cultura da criança*. 2015. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-graduação em Música) Universidade Federal da Bahia, Escola de Música, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/25975/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20A NA%20TOMICCH.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

TURNER, Victor Witter. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis. Ed. Vozes, 1974. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861105/mod_resource/content/1/Turner_Victor_O_processo_ritual_Estrutura_e_antriestrutura.pdf. Acesso em: 11 set. 2024.

VITORINO, S.M.A. e FREITAS, J.G. Educando com a Folia de Reis mirim: uma proposta local para o resgate da cultura popular e promoção da cidadania por meio da educação. *Revista Cadernos da FUNCAMP*, v.12, n.17, p.114-122. 2013.

Disponível

em: <https://www.google.com/search?q=educando+com+a+folia+de+reis+mirim&aq=chrome..69i57.45094j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 04 set. 2023.

VOLPE, Maria Alice. Pedagogia da história da música brasileira, questões historiográficas em multidisciplinaridade. *Revista Brasileira de Música*. Programa de Pós-Graduação em Música. Escola de Música Da UFRJ. Rio de Janeiro, v. 32, n.1, p. 47-59. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/issue/view/1251>. Acesso em: 11 set. 2024.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. *Metodologia de Pesquisa*. 2. ed. reimpressa Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

Disponível em: https://faculdefastech.com.br/fotos_upload/2022-02-16_10-05-41.pdf. Acesso em: 25 set. 2023.